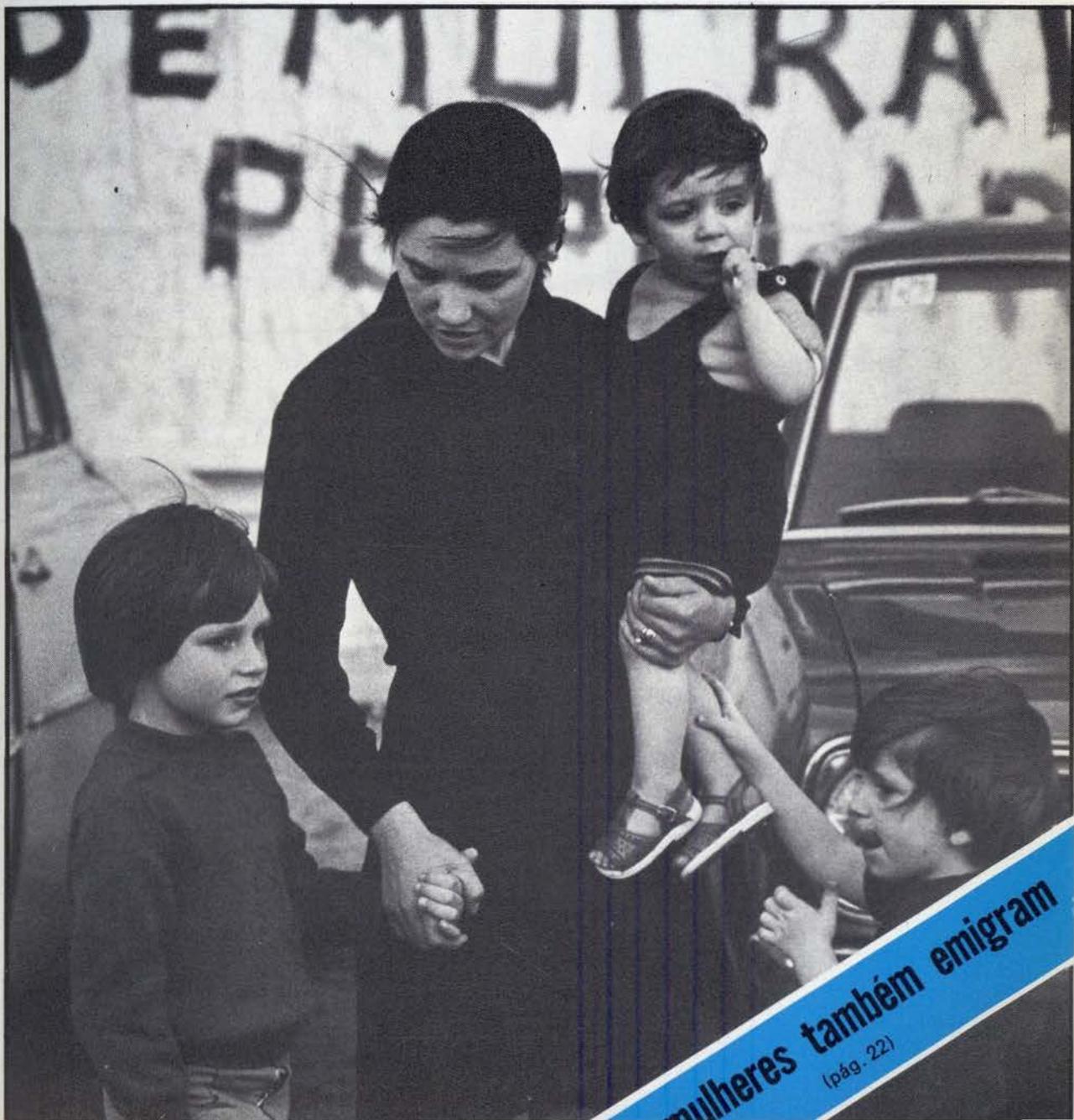




# 25 de Abril

SECRETARIA DE ESTADO DA EMIGRAÇÃO



**mulheres também emigram**  
(pág. 22)

*«A todos os cidadãos é garantido o direito de se deslocarem e fixarem livremente em qualquer parte do território nacional».*

*«A todos é garantido o direito de emigrar ou de sair do território nacional e o direito de regressar».*

**(art.º 44.º da «Constituição da República Portuguesa»)**

N.º 10 — MAIO/1976 — PREÇO 15\$00  
REVISTA MENSAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE  
DA SECRETARIA DE ESTADO DA EMIGRAÇÃO

SEDE: SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E APOIO CULTURAL  
PRAÇA DO AREEIRO, 11, 2.º ESQ — TEL. 72 60 95

DIRECTOR: JOSÉ CARDOSO  
REDACTORES: AVELINO PINTO E PALMINHA SILVA  
ARRANJO GRÁFICO: PAULO DA TRINDADE FERREIRA

COMPOSTO E IMPRESSO  
POR MIRANDELA C.ª  
TRAV. CONDESSA DO RIO, 7-9 — LISBOA

# 25 de Abril

## 3 EDITORIAL

## 4 O PAÍS HOJE

## 14 ELEIÇÕES

## 22 AS MULHERES TAMBÉM EMIGRAM

## 28 O CONSELHO DA EUROPA CONVIDA PORTUGAL

## 31 NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO

## 35 ENTREVISTA EMIGRANTE

## 36 A FLORESTA EM BREMERHAVEN

## 40 PELAS NOSSAS TERRAS

## 44 LIVROS

## 45 FIGURAS QUE FORAM UMA ÉPOCA

## 47 TEMPO LIVRE



PÁG. 25:  
ELEIÇÕES



PÁG. 22:  
AS MULHERES  
TAMBÉM  
EMIGRAM



PÁG. 28:  
CONSELHO DA  
EUROPA  
CONVIDA PORTUGAL

PÁG. 36:  
A FLORESTA  
EM BREMERHAVEN



PÁG. 35:  
"VOU REUNIR O TEMPO..."

**25**  
**de Abril**

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA**

VIA AÉREA

| PAÍSES                             | 12 MESES               | 6 MESES                |
|------------------------------------|------------------------|------------------------|
| França... ..                       | 250\$00      45 F.     | 125\$00      23 F.     |
| Bélgica ... ..                     | 250\$00      370 F. B. | 125\$00      190 F. B. |
| Alemanha ... ..                    | 250\$00      24 D. M.  | 125\$00      12 D. M.  |
| Inglaterra ... ..                  | 250\$00      4,50 £    | 125\$00      2,50 £    |
| Espanha ... ..                     | 200\$00      480 P.    | 100\$00      240 P.    |
| Brasil ... ..                      | 320\$00      115 Cr.   | 160\$00      60 Cr.    |
| Canadá ... ..                      | 340\$00      15 d.     | 170\$00      8 d.      |
| E. U. A. ... ..                    | 340\$00      15 d.     | 170\$00      8 d.      |
| Outros países da Europa ... ..     | 250\$00                | 125\$00                |
| Outros países fora da Europa... .. | 340\$00                | 170\$00                |

*Concluída — com as eleições para a Assembleia da República — uma das fases mais importantes do novo processo político português, a escolha do Presidente da República assume um significado vital para a consolidação de uma verdadeira Democracia no nosso País. A escolha, livre, pelo Povo Português, do superior responsável pelos destinos da Nação, poderá assim marcar o início de uma nova vivência, criando as condições para uma sociedade mais justa e humana, recuperando enfim a dignidade e o lugar a que temos direito no Mundo.*

*Por certo que não será fácil o desempenho de tão importante tarefa: trata-se de conduzir o País para um estádio económico e social de acordo com as legítimas aspirações e necessidades do Povo, sem esquecer os obstáculos e condicionalismos que se apresentam — alguns porventura bastante delicados e difíceis de vencer. Quer pela grave situação económica em que nos encontramos, quer ainda porque se tratando, em alguns casos, de substituir conceitos anacrónicos por outros mais realistas e adaptados às exigências do tempo presente, as medidas radicais que por isso se impõem não deixarão de abalar as estruturas sociais caracteristicamente conservadoras (no pior sentido do termo) ainda existentes na sociedade portuguesa.*

*Cabe pois ao novo Presidente da República promover o desenvolvimento pleno da democracia política e económica, apoiar e defender as classes mais desfavorecidas, incentivar a criatividade, estimular sem demagogia o patriotismo, em suma, alicerçar novas formas de pensamento e acção.*

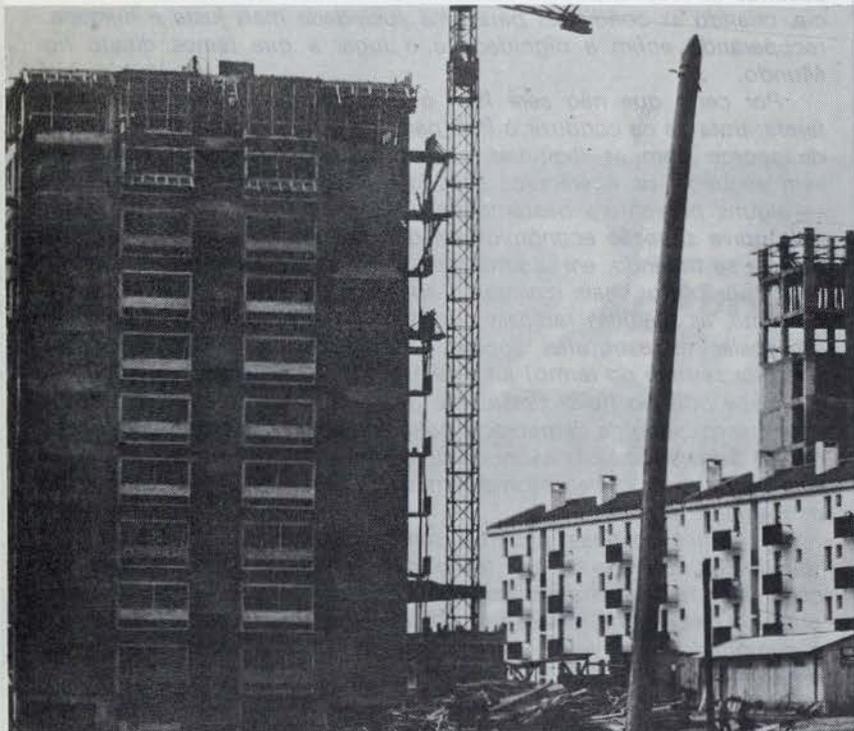
*As forças políticas incumbe, sem abdicarem dos seus princípios ideológicos, unirem-se em torno dos interesses e problemas da colectividade, respeitando os interesses da maioria, erradicando o ódio e o sectarismo, criticando objectivamente, utilizando os direitos e cumprindo os deveres — bases em que deve assentar o exercício da Democracia.*

*Não ignoramos, contudo, que para os emigrantes portugueses no estrangeiro, a quem especialmente nos dirigimos, tudo o que atrás se diz tem, em certa medida, um sabor bem amargo: impedidos de participar nas eleições para a Presidência da República, sentem-se, naturalmente, afastados de uma discussão que é provavelmente decisiva para o futuro da Nação, que continua no entanto a pedir a esses mesmos emigrantes compreensão e divisas...*

*Pondo de parte as razões — provavelmente justas mas não suficientemente explicitadas — que levaram à adopção de tal princípio, assumimos contudo a responsabilidade de entender que não esteve na sua origem o propósito de uma marginalização, no rigoroso sentido segregativo do termo. Por outras palavras, somos levados a crer que tal prática não voltará a repetir-se, por incompatível com as mínimas regras democráticas.*

*A aprendizagem da Democracia envolve por vezes erros e injustiças graves, próprias de quem quer, acima de tudo, tudo fazer para contentar todos. O progresso alcança-se com a compreensão e a inteligência, e a História é implacável, sobretudo para os intolerantes.*

# O PAÍS HOJE



## HABITAÇÃO:

### NOVAS PERSPECTIVAS

Segundo foi afirmado em Conselho de Ministros, o País terá de construir um milhão e 600 mil fogos, até 1996, para solucionar o problema habitacional.

O total de fogos a construir no prazo de 20 anos inclui a

reconstrução de 270 mil velhos fogos e, tendo em consideração o crescimento populacional e o regresso da população das ex-colónias, a construção de mais 800 mil.

Perante esta situação os Ministros resolveram criar institutos

públicos imobiliários regionais na forma de empresas públicas que serão coordenadas por um instituto imobiliário nacional e terão as atribuições seguintes:

- conhecer e prever a oferta de habitações;
- programar a satisfação das carências habitacionais detectadas e participar na definição dos planos de construção.
- determinar as regras de utilização dos fogos construídos ao abrigo de programas de habitação social;
- participar na definição de uma política sectorial;
- coordenar os programas destinados a satisfazer as carências de habitação das várias regiões;
- colaborar na mobilização de poupanças a aplicar no sector habitacional.

O programa de política habitacional prevê, para a cobertura das necessidades de casas nestes 20 anos (à volta de 1 milhão e 60 mil), uma taxa de 5% por ano, correspondendo a 100 mil fogos para este triénio de 75/76.

Esteve em Lisboa e no Algarve, uma delegação do grupo de empresas Neuheimat (de Hamburgo-Alemanha) para estudar as possibilidades de participar em investimentos considerados prioritários neste campo da habitação e no do Turismo. As bases da actuação futura em Portugal serão estabelecidas, em definitivo, muito brevemente.

# A NORTE ALGUMAS ESPERANÇAS

A Comissão de Planeamento da Região Norte constituída por economistas, engenheiros, matemáticos, arquitectos paisagistas e sociólogos, vem realizando importantes projectos que, a médio prazo, poderão modificar profundamente a fisionomia de algumas vastas áreas.

O objectivo principal deste Gabinete é fazer passar à prática o falado projecto de regionalização, para que seja possível corrigir alguns dos graves problemas causados pelos desequilíbrios regionais no país, sobretudo a acentuada diferença entre o litoral e o interior, apresentando soluções adequadas.

Os técnicos estão agora empenhados em apresentar uma estratégia que permita desenvolver as potencialidades das pessoas e das terras do Norte.

Para começar escolheram uma **área de transição — Chaves-Vila Pouca de Aguiar**, área-piloto que, por ser relativamente pequena e abranger 6 concelhos (Chaves, Vila Pouca, Valpaços, Montalegre, Boticas e Ribeira de Pena), se encontra em condições de ser observada em conjunto para se estabelecerem os factores em que deve assentar o seu desenvolvimento. Este terá de se basear, praticamente, na exploração dos recursos agrícolas.

O **Vale do Douro** foi a área abordada a seguir pela Comissão, em termos idênticos: estudo básico das fontes de informação, auscultação das



populações e realidades da zona, definição das necessidades e dos empreendimentos importantes a realizar.

O que se pretende, nesta área, é que a renovação da linha férrea do Douro e a construção da barragem de Crestoma possibilitem nova vida às populações ribeirinhas do alto Douro, uma vez que daqui a 4 anos se presume que o rio Douro esteja completamente aberto à navegação até ao Pocinho, a embarcações até 1500 toneladas.

Outra área considerada foi o **Nordeste Transmontano** — a terra quente transmontana —, em especial com o complexo agro-industrial do Cachão, que para ser operacional se deve integrar no desenvolvimento geral da área. E outros projectos tem ainda entre mãos a Comissão de Planeamento da região norte, como os dos vales do Lima, do Cávado e do Sousa.

## notícias breves

### «HABEAS CORPUS»

O princípio constitucional do «habeas corpus» (providência jurídica que impede a prisão arbitrária e a detenção sem culpa formada) vai entrar em imediata execução, podendo ser admitido também perante tribunal militar. O decreto dispõe que este direito pode ser pedido, no prazo de 8 dias, não só pelo incriminado no seu representante legal, mas também por qualquer cidadão no gozo dos seus direitos políticos. Os requerimentos serão dirigidos ao Supremo Tribunal de Justiça e findo o prazo de 8 dias, se não for proferida a decisão, o preso será restituído à liberdade.

### LIGA PORTUGUESA DOS DIREITOS DO HOMEM

Tomou posse, numa cerimónia simples, na sua sede provisória, o novo directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem. Pela primeira vez, desde 1926, a Liga teve oportunidade de fazer eleições em ampla liberdade e tornar públicos os seus resultados.

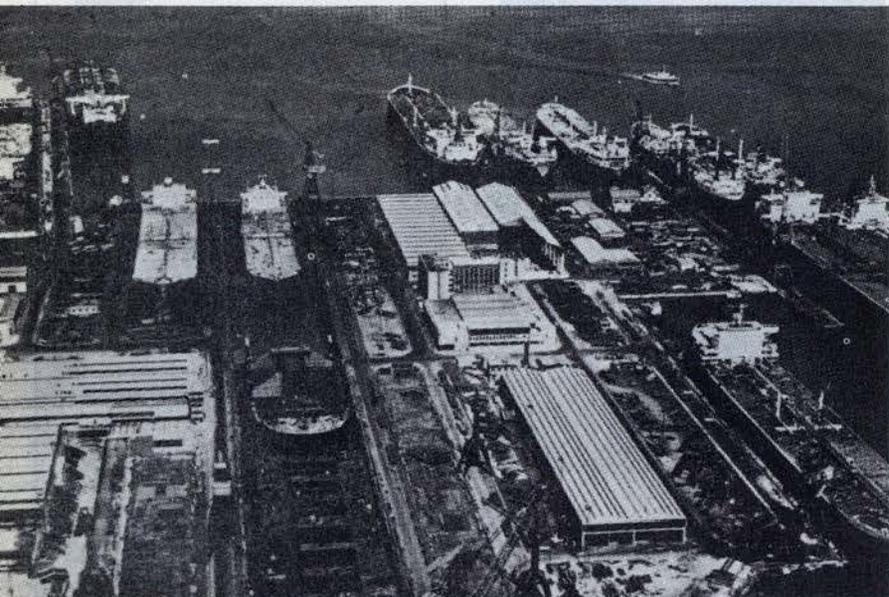
### DIREITOS DA MULHER

A Comissão da Condição Feminina, organismo integrado no Ministério dos Assuntos Sociais, tem reclamado a sua intervenção em todos os assuntos em que a condição feminina esteja em causa. Pretende ainda obter um estatuto interministerial e depender directamente do Gabinete do Primeiro-Ministro, para melhor atingir o fim em vista: servir de correia de transmissão entre os vários ministérios e serviços onde os problemas das mulheres mais directamente são debatidos. Numa exposição feita ao Governo chama a atenção dos poderes públicos para a entrada em vigor da Constituição, e portanto para a «queda» de leis discriminatórias.

### CASO «REPÚBLICA»

Segundo os termos de um documento aprovado pelo Conselho

# O PAÍS HOJE



## INDÚSTRIA NAVAL

Nalguns estaleiros navais portugueses constróem-se actualmente diversas unidades para a Marinha Mercante da Noruega, Baren, Líbia e Suécia, no valor de 4 milhões de contos. O sector que emprega à volta de 30 mil trabalhadores regista agora encomendas importantes, ganhas em concursos internacionais, o que representa um reconhecimento importante da nossa capacidade técnica e tecnológica. Assim:

**Viana do Castelo:** construção para a Noruega de 2 navios-tanques transportadores de produtos químicos no valor de 1 milhão e 400 mil contos.

**Aveiro (S. Jacinto):** estão 3 rebocadores em construção para o Barém (Golfo Pérsico) e na Perry & Son (estaleiros em Almada)

mais 2 barcos deste tipo, em sub-empregada, custando no total 300 mil contos.

**Figueira da Foz e Lisboa** (na Argibay): construção de mais de 6 rebocadores que se destinam à Líbia, no valor de mais de 300 mil contos.

**Almada** (Lisnave): continua a construção de um corpo de proa e outro de popa para petroleiros de 400 mil toneladas que se destinam à Suécia, no valor de 1 milhão e meio de contos.

Na Setenave, em Setúbal iniciou-se a construção do maior navio português — totalmente feito no País. E no Barém a Lisnave constrói um estaleiro de reparação naval de navios até 500 mil toneladas.

## EQUIPAMENTO SOCIAL

Os Gabinetes Coordenadores de Obras Municipais (G. C. O. M.) constituídos em Agosto do ano findo em todos os distritos, menos Faro, desenvolveram uma acção largamente positiva, agora foi estendida ao ano que corre.

Adentro da coordenação de obras de equipamento social, foram-lhes atribuídas as seguintes funções:

- identificação das obras que serão comparticipadas, incluindo viação rural, equipamento urbano e rural, saneamento básico, abastecimento de água ao domicílio;

- apreciação e apresentação aos serviços competentes dos problemas mais urgentes que respeita a habitação e electrificação rural;

- elaboração das propostas de planos de obras de conservação periódica a executar em edifícios escolares;

- promoção, assistência e controlo do cumprimento dos planos.

A sua competência alarga-se à autorização de concessão de adiamentos, reajustamento de planos dentro das verbas do distrito, à aprovação dos processos dos concursos e actualização dos custos da revisão contratual de preços.

Nestes Gabinetes estão representados alguns Ministérios e os Municípios do respectivo distrito.

# OBRAS PÚBLICAS:

## UM PROGRAMA A CUMPRIR

No programa de televisão «Responder ao País», o Ministro das Obras Públicas acompanhado de toda a equipa dirigente anunciou um vasto programa de obras públicas que irão beneficiar muitos dos sectores da vida nacional.

Os principais empreendimentos a ser executados em colaboração com as populares, são os seguintes:

**No sector da instrução:** construção de mais 1060 novas salas de aulas para 42 mil alunos do ensino primário, e 42 escolas secundárias e 27 preparatórias para outros 40 mil alunos.

**No sector hospitalar:** continua a construção de quatro hospitais em Viana do Castelo, Chaves, Castelo Branco e Faro e preparam-se os projectos dos hospitais de Guimarães, Viseu, Abrantes, Santarém, Barreiro e Horta (Açores).

**No domínio do saneamento básico:** a construção de mais de 600 obras de abastecimento de água e de esgotos, em todo o país, destacando-se o abastecimento de água à Ilha do Pico nos Açores.

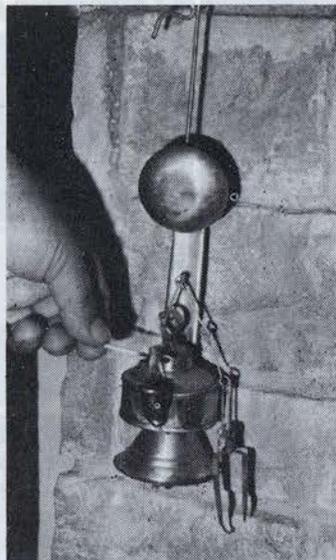
**No sector dos aproveitamentos hidráulicos:** início da execução das obras preliminares do Plano de Alqueva, que irá permitir regar cerca de 140 mil hectares e começo também das obras de regularização do Baixo Mondego e da construção do açude do Degebe para abastecer de água a região de Évora.

**Continuação dos trabalhos da auto-estrada do Norte e do Sul:** ficarão concluídos no ano que vem os troços que levam a Aveiras de Cima (na do Norte) e a Setú-

bal (na do Sul). Mais tarde, em visita à região de Coimbra, foi analisada a travessia rodoviária da cidade e decidido a construção, para já, do troço da auto-estrada entre Condeixa e Geria, solução integrada na ligação definitiva por auto-estrada entre Lisboa e Porto.

O montante destinado à mão-de-obra a empregar vai garantir a ocupação de mais de 20 000 operários por ano.

Entretanto, isto ainda não será o necessário pois no campo de energia, por exemplo, disse o Ministro da Indústria em dada altura, é necessário pôr a electricidade à disposição de todos, uma vez que há ainda quase um milhão de portugueses que não tem luz eléctrica — o que justifica «um programa intenso de electrificação rural».



...quase um milhão de portugueses não têm luz eléctrica...

## notícias breves

da Revolução e que foi entregue à Comissão de Trabalhadores da empresa, o caso «República» entra em nova fase: considera-se definitiva a sua devolução à anterior administração. Admite-se como certa a passagem do jornal a semanário e, conseqüentemente não ser possível a permanência de todos os actuais trabalhadores nos seus quadros. Esta decisão, corresponde à aplicação do do projecto do ministro Almeida Santos para a Imprensa, que tem sido alvo de críticas muito severas por parte dos trabalhadores da Informação.

### O CONSUMO DE ENERGIA E DE ÁGUA NO PRÓXIMO VERÃO

Em razão do sensível abaixamento das reservas hídricas do País, que poderão atingir o mais baixo nível de sempre, parece inevitável o racionamento dos fornecimentos de energia eléctrica, no princípio do próximo Verão. Um estudo das entidades responsáveis será em breve submetido à apreciação do Governo. O regime hidrológico português mostra uma curva descendente que a pouca chuva do último Inverno agravou.

### HOSPITAL DE S. JOSÉ

A Comissão de Reforma do Banco do Hospital de S. José, no seu relatório de actividades, tornou públicos alguns dados:

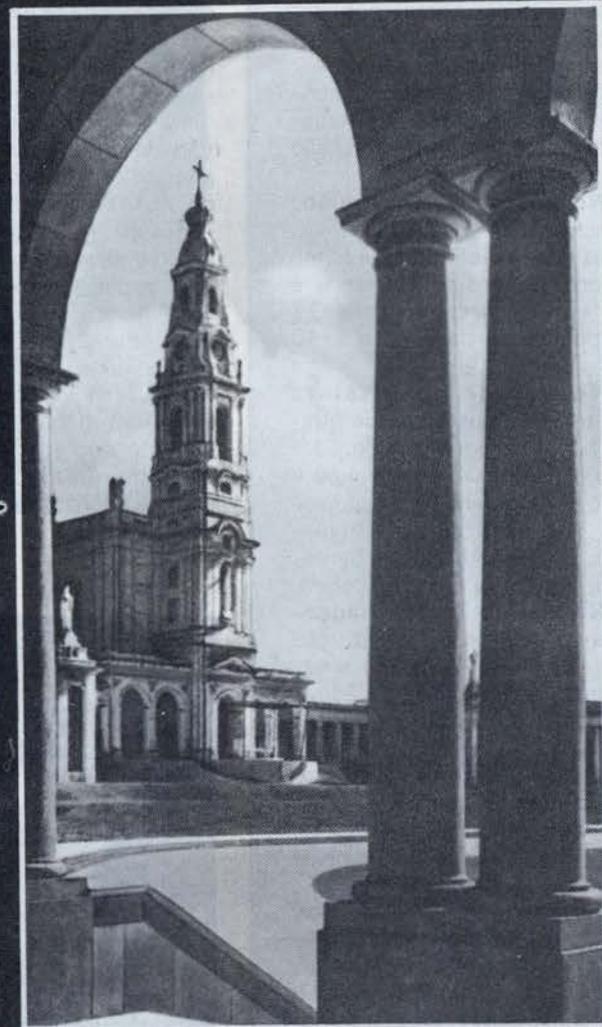
- Média anual: 200 mil doentes atendidos (500 por dia);
- Média diária de internamentos: 120 doentes;
- A população atendida é oriunda da área da Grande Lisboa, na sua maior parte.

A estes números não respondeu o serviço de urgência com quaisquer execuções de remodelação desde há 25 anos. A Comissão elaborou um plano preliminar que mereceu a aprovação das instâncias supe-

# O PAÍS HOJE

## COMO TODOS OS ANOS...

Durante o dia 13 de Maio, como acontece todos os anos, registou-se na Cova da Iria a afluência de milhares e milhares de peregrinos. Este ano o cardeal Sebastião Baggio, perfeito da Sagrada Congregação para os bispos e arcebispos, titular de Éfeso, foi o representante por parte do Papa Paulo VI. Este cardeal proferiu uma homilia e deu a bênção eucarística aos doentes. Pelas 22 horas deste dia, como de resto é tradicional todos os anos, iniciou-se a grandiosa procissão das velas, para a qual, pode-se dizer, terão concorrido muitos dos peregrinos que a pé percorreram quilómetros e quilómetros no caminho que leva das suas terras a Fátima. Nota predominante foram os «pagadores de promessas», pessoas das mais diversas classes sociais e oriundas dos mais afastados recantos de Portugal e, até, estrangeiros, que cumpriram assim com o pagamento de promessas feitas à Virgem, em troca de pequenas e grandes benesses recolhidas durante o ano, registando-se entre os peregrinos notória afluência de antigos soldados, pagando talvez o facto de terem saído ilesos durante todo o período que durou a guerra colonial. No tema de reflexão deste ano figura uma interrogação: «Vamos construir a civilização do Amor?». Salientamos que a importância dada este ano ao «13 de Maio na Cova da Iria» resulta de um maior desafogo de liberdade que,



no ano passado, se chegou a reacear nos meios católicos do País, por um esboço de movimento tentando boicotar a tradicional comemoração católica e sua jornada de fé e esperança, para a qual contribuem todos os anos centenas de milhares de cidadãos portugueses, parte integrante, também, deste mesmo Povo.



riores, no que respeita ao pessoal, melhoria de equipamento e obras necessárias ao melhor funcionamento do bloco.

## PREVIDÊNCIA

O Grupo Nacional de Trabalho da Acção Médico-Social das Caixas de Previdência traçou um plano de acção que «visa adoptar certas linhas mestras que se consideram essenciais para a criação do Serviço Nacional de Saúde», e avança com as seguintes propostas: a socialização da medicina, a nacionalização dos «casos de saúde» e estabelecimentos termais e a normalização da indústria nacional e de importação, entre outras propostas.

## APROVEITAMENTO DO VALE DO VOUGA E RIA DE AVEIRO

Em declarações a um jornal português, dois técnicos alemães revelaram que o seu Governo está interessado em investir no projecto de aproveitamento do Vale do Vouga e ria de Aveiro (uma área de 60 mil hectares), 140 milhões de marcos (cerca de um milhão e duzentos mil contos). A concretização do investimento dependerá da viabilidade do projecto e do valor que o próprio Mercado Comum lhe reconhecer, bem como do interesse que ele tiver no desenvolvimento da agricultura portuguesa.

## A EXPORTAÇÃO DE TOMATE

Para acorrer aos prejuízos inerentes a exportação de 36 mil toneladas de produto, o Conselho de Ministros decidiu recentemente conceder o aval do Estado a um empréstimo de 200 mil contos destinado à indústria de concentrado de tomate, que virá a ser futuramente transformado em subsídio. Os nossos principais mercados situam-se na zona da C. E. E. (Mercado Comum) com relevo para a Inglaterra, e na URSS. Encontram-se em estudo medidas de apoio à indústria nacional de concentrados de tomate, nomeadamente o lançamento de operações de pré-financiamento da campanha do ano em curso.

# ECONOMIA EM NÚMEROS

A **produção industrial**, no seu conjunto, tem vindo a decrescer. A produção de aço teve uma descida de 15,5% e a de cimento subiu em 13,2%, no mês de Janeiro.

**Os preços e salários** continuaram a subir. Em Março o índice de preços no consumidor, excluindo a habitação, foi superior ao do mesmo mês do ano passado em 16,6% (em Lisboa), e 17,9% (no Porto).

**Os salários** dos trabalhadores rurais subiram, num ano (de Março a Março 14,4%; um pouco mais os salários dos trabalhadores de indústria e transportes: 14,9% (em Lisboa) e 22,6% (no Porto).

**As Cooperativas** aumentaram substancialmente: nos 2 primeiros meses do ano foram já constituídas 68, ou seja, mais do dobro das surgidas no primeiro trimestre de 1975 (33 cooperativas).

**Foram constituídas 890 sociedades** nestes 2 primeiros meses, com um capital social de 242 mil contos, enquanto no ano passado, se constituíram 1483, com o capital social de 1373 mil contos no primeiro trimestre.

## EXPORTAÇÃO/IMPORTAÇÃO

No acto de posse do novo director do FFE (Fundo de Fomento de Exportação) o ministro do Comércio Externo e Turismo, analisou as mais relevantes trocas comerciais com o exterior e apontou

algumas directrizes para a actividade exportadora. Apresentamos alguns dados divulgados pelo Ministro.

- A balança comercial do país fechou em 1975 com um saldo negativo de 49 milhões de contos.
- No conjunto das importações verificou-se uma redução de 18% que se deve à incidência das sobretaxas entradas em vigor em Julho, à situação de crise geral da nossa economia, aos níveis de produção industrial e à quebra de investimentos privados.
- As nossas principais fontes fornecedoras foram a CEE — Mercado Comum (40%) EFTA (9%) EUA — Canadá (13%), e países de Economia Planificada (China Coreia e Cuba), (4%).
- A quebra no conjunto das exportações foi de 15,5 por cento, devido à crise económica internacional, ao processo de descolonização e à desestabilização política interna.
- Os mercados para onde mais exportámos foram os tradicionais: CEE — Mercado Comum (50%), EFTA (15,3%), EUA — Canadá (8,5%), Países de Economia Planificada (2,4%).
- As nossas maiores exportações foram de: têxteis e suas obras, calçado (30%), produtos agrícolas (16,8%) e produtos de madeira e cortiça (16%). Foi também nestes sectores que se deram as maiores quebras.

## EMPRESA CONTROLADA POR TRABALHADORES GANHA CONCURSO DE EMPREITADA NO ESTRANGEIRO

Uma das mais importantes empresas portuguesas de obras públicas e construção industrial — Construção Técnicas, SARL — acaba de dar um significativo impulso à expansão da nossa economia. Com efeito, foi-lhe adjudicada a construção de uma cimenteira em Oudja (Marrocos), no valor de 1 milhão de contos. O facto é tanto mais importante se tivermos em conta que se trata de uma empresa onde se pratica o controlo operário e que enfrentou graves problemas depois de Abril de 74 pelas ameaças dos administradores e accionistas em reduzir os salários de alguns trabalhadores bem como a eliminação de outras regalias tais como subsídio de férias e doenças justificavam essas medidas perante um prejuízo estimado de 70 000 contos previsto para o ano de 1975. Reconheceriam mais tarde que seria apenas de 7000 contos...

Acentua-se então o desentendimento entre os elementos da administração e os trabalhadores, que entretanto tomam conhecimento de tentativas de desvio para o estrangeiro de equipamento, mão-de-obra e capital. Em face disto, os trabalhadores pedem a intervenção do Estado no sentido de defender os seus postos de

trabalho, intervenção que vem a concretizar-se num despacho (29/Abril/75) do Ministério do Equipamento Social e Ambiente, nomeando uma comissão administrativa e mandando realizar um inquérito aos actos da administração.

A luta dos trabalhadores continuou e hoje a empresa é gerida por uma Comissão Administrativa nomeada pelo Governo e da confiança dos trabalhadores, que por seu turno fazem o controlo de gestão.

A empresa Construções Técnicas, SARL, tem, neste momento, em Portugal, trabalhos em Barra-

gem da Agueira, Barragem da Raiva, Doca de Leixões, Central Termoeléctrica de Setúbal, VI Linha Fabril em Alhandra, Serviços Administrativos de Sines e Central Termoeléctrica do Barreiro, onde emprega 2100 operários e 413 quadros técnicos.

A falta de empreendimentos — obras públicas e construção industrial — no País, no decorrer dos últimos dois anos, fez sentir a necessidade de novos mercados. A saturação e forte concorrência na Europa levaram-na a tentar penetrar nalguns países do Terceiro Mundo. Esta tentativa obteve pleno êxito em Marrocos, na Cimenteira de Ouida. Esta vitória, obtida em dura competição com empresas francesas, alemãs, argelinas e marroquinas, demonstra as possibilidades que se podem abrir à tecnologia nacional.

O valor total da empreitada é de mais de um milhão de contos e será pago em divisas (máximo de 40 por cento) e em moeda local. Nela se criarão mais cerca de 350 postos de trabalho para portugueses.

Os trabalhadores fizeram, porém, referência a dificuldades financeiras resultantes de má cobrança.

## LINHA DE SINES

A nova linha ferroviária Sines-Poçoirão que se destina ao escoamento dos produtos petrolíferos da refinaria e das mercadorias para o (e do) polo industrial de Sines, vai custar cerca de 4 milhões de contos. A linha, com uma extensão de 80 quilómetros, inclui um troço de via única de Sines até Pinheiro, onde se desvia o tráfego para o Algarve pela linha do Sado, e mais um segundo troço de 20 quilómetros de via dupla, entre Pinheiro e Poçoirão.

A nova via — de características revolucionárias para o nosso meio — inclui 42 pontes (com um vão até 30 metros) e outras 3 maiores: o viaduto de Melides a ponte sobre o Sado (perto de Alcácer do Sal) e a ponte sobre a ribeira da Marateca.

É de salientar ainda, pela sua dimensão invulgar, o Centro Ferroviário de Sines que, com as diferentes linhas adentro do complexo industrial, ronda os 90 quilómetros de extensão.

# INVESTIMENTOS PÚBLICOS:

## «VIVER ACIMA DAS NOSSAS POSSES...»



Numa comunicação feita através da Televisão, a sub-secretária de Estado de Investimentos Públicos falando sobre os investimentos nas empresas presas públicas, nacionalizadas e controladas pelo Estado, pôs em realce o papel da planificação, a necessidade urgente de elevarmos a nossa capacidade de programar, de prever e localizar no tempo as diversas acções.

O planeamento dos projectos concretos, agora bastante mais facilitado pela nacionalização dos sectores-chave da economia, encontra limitações de ordem técnica, de ordem financeira, e vícios da estrutura de antes de 25 de Abril. Isto impede o aumento de capacidade da produção e de emprego. O recurso ao crédito tem os seus próprios riscos porque pode gerar a inflação e por outro lado também é arriscado gastar o ouro e as divisas na compra de produtos ao estrangeiro, para além de certos limites. Mais aceitável a utilização das poupanças familiares que devem ser transformadas em investimento e empregos.

O investimento do sector público de empresas já em fase mais ou menos avançada foi avaliado em 300 milhões de contos, a lançar no período de 5 anos, entre 1976 e 1980.

Para este ano previa-se a criação de uma capacidade de crédito da ordem dos 100 milhões de contos, obtidos por recursos a empréstimos externos.

Anunciou que se vai criar um órgão centralizador do património empresarial do Estado para fazer a sua gestão financeira, de molde a, mais tarde, poder constituir o caudal de alimentação dos capitais próprios das empresas do sector.

Para utilizar as vantagens de orientação estatal, de imediato elabora-se a lista dos projectos de investimento, o que é uma experiência inovadora e marca o início de um planeamento a partir dos projectos concretos que envolvem um trabalho de equipa e de colaboração de vários ministros.

O futuro da nossa economia dependerá, em muito, dos bons resultados destes trabalhos, porque, disse a sub-secretária «construímos, agora, no dia a dia, as nacionalizações decretadas há um ano». Embora possamos animar-nos com alguns sinais de recuperação — mais dinheiro que volta aos bancos, menos dificuldades na exportação e maior desafogo dos bancos — não podemos, por mais tempo, «viver acima das nossas posses, acima do que produzimos».

## notícias breves

### RECONVERSÃO DA FROTA

Uma resolução tomada em Conselho de Ministros estabelece várias medidas para acelerar a reconversão da empresa de navegação nacionalizada e que é resultante da fusão da Companhia de Transportes Marítimos, Companhia Nacional de Navegação e Sofamar. Foi autorizada a concessão de um empréstimo avaliado pelo Estado, no montante de mais de 100 mil contos, e criada uma comissão para definir as necessidades da renovação da frota de graneleiros e de outros tipos de navios cuja aquisição se considere inadiável.

### FUNCIONALISMO PÚBLICO

Está em marcha o projecto de reformulação da função pública e de reciclagem do funcionalismo. Como temos uma administração pública extremamente pesada e inoperante, o que se deve em grande parte à deficiente formação profissional dos trabalhadores, é agora objectivo principal a promoção dos trabalhadores a efectuar não através de concursos mas com base nos méritos revelados e na frequência de cursos intensivos. Sabe-se que na função pública trabalham à volta de 400 000 pessoas, sendo 70 mil trabalhadores adidos, e que segundo o Secretário de Estado, há 100 ou 150 mil funcionários a mais, no Estado.

### MAGUE — CONSTRUÇÕES TÉCNICAS

Terminou a construção do maior guindaste dos Estados Unidos, cujo projecto concebido por engenheiros portugueses tinha sido adquirido à MAGUE, de Alverca, empresa especialista neste tipo de construções. O «Golias», como lhe chamam os trabalhadores dos estaleiros navais de Quincy, é uma unidade tipo pórtico com o peso de 2400 toneladas e capacidade para elevar 1200 toneladas, tem 100 metros de altura e 120 de largura. A MAGUE já rece-

# O PAÍS HOJE

## 1.º de Maio

O Dia Mundial do Trabalhador (1.º de Maio), foi comemorado em todo o País com inúmeras sessões recreativas e de esclarecimento, traduzindo diferentes formas de encarar as questões políticas e a vida sindical.

Das mais importantes, destacamos, em Lisboa, no Estádio 1.º de Maio, a que foi promovida pela Intersindical e pelo Inatel, e apoiada pelo PC e PS, constituindo a demonstração da «consciência da classe contra a exploração», a aproximação entre as principais forças do movimento sindical e o «reforço da unidade contra os inimigos comuns». Estiveram

presentes representações de Centrais Sindicais da República Democrática Alemã, Argélia, Angola, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Coreia do Norte, Cuba, França, Chile, Hungria, Polónia, Roménia, URSS e Espanha.

No Porto, promovida pela União dos Sindicatos do Porto (U.S.P.) e pela Intersindical, a grande concentração-comício em defesa dos interesses fundamentais dos trabalhadores realizou-se na Praça General Humberto Delgado. As comemorações tiveram por objectivo desenvolver «uma jornada de luta na festa de unidade dos trabalhadores».

# 60 000 CONTOS

## DESPESAS GLOBAIS DOS ACTOS ELEITORAIS PREVISTOS PARA 1976



*Os três actos eleitorais que decorrerão ao longo dos 8 meses deste ano de 1976 terão um encargo de 60 mil contos (segundo previsões do STAPE) cabendo 20 mil a despesas apenas com as eleições para a Assembleia da República.*

*Para pôr em movimento esta complexa máquina eleitoral que vai ser utilizada nas eleições do Presidente da República e nas eleições municipais, foram mobilizadas milhares de pessoas que trabalharam nas operações de recenseamento, emissões de boletins de voto, instalações de controlo de escrutínio da Gulbenkian, publicidade e campanhas de esclarecimento, secretaria, serviços de apoio a emigrantes, custando só estes para cima de 4000 contos. Nas 13 mil assembleias de voto trabalharam cerca de 70 mil pessoas.*

## ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Na altura em que fechamos esta edição, conhecem-se já os candidatos à Presidência da República — muito embora o Supremo Tribunal de Justiça ainda não se tenha pronunciado sobre as suas condições de elegibilidade.

A campanha eleitoral propriamente dita ainda não se iniciou, mas alguns dos candidatos já fizeram declarações públicas e promoveram encontros com os órgãos de Informação e núcleos de simpatizantes.

Expirado, em 28 de Maio, o prazo para a entrega das candidaturas, apenas 5 concorrentes tinham apresentado no Supremo Tribunal de Justiça os respectivos processos: o general Ramalho Eanes, actual Chefe do Estado-Maior do Exército; o almirante Pinheiro de Azevedo, primeiro-ministro; Octávio Pato, indicado pelo PCP, partido em que ocupa lugar de destaque; o major Otelo Saraiva de Carvalho, solicitado por alguns círculos da extrema-esquerda e organizações populares; e finalmente o eng.º Pompílio Cruz, presidente do CSI (Centro Social Independente, organização que reúne agrupamentos ligados aos retornados das ex-colónias).

Entretanto, não se concretizaram as candidaturas de Fernando de Sousa (Macedo), apoiado pelo PCP(m-l), e de Arlete Vieira da Silva, esta em virtude de lhe terem retirado o apoio os partidos que promoveram a sua candidatura: PRT e LCI.

As eleições estão marcadas para o dia 27 de Junho.

## notícias breves

beu outra encomenda: construir o guindaste mais potente do mundo, destinado a estaleiros espanhóis.

### IMPORTAÇÃO DE ENERGIA

O valor de energia eléctrica importada pelo nosso país atingiu já quase 1 milhão de contos, importância que não tem comparação com os anos anteriores. Este é um dos factores que está na origem do aumento das tarifas de consumo de energia eléctrica, autorizado em Conselho de Ministros; que criou ao mesmo tempo a Empresa Pública de Electricidade de Portugal, correspondente a 12 empresas já nacionalizadas. No ano passado a taxa de importação da Espanha e França foi de 16% em relação ao total de energia consumida nesse período, e o pagamento foi efectuado em divisas, no devido tempo, e não pelo sistema de trocas, como é habitual.

### OS MILITARES E OS CIVIS DO 25 DE NOVEMBRO

Foram libertados do Presídio Militar de Santarém e da Prisão de Caxias ainda antes das eleições, os últimos militares que se encontravam presos por eventuais implicações nos acontecimentos ocorridos no 25 de Novembro. Foram também colocados na situação de liberdade provisória, aguardando o respectivo julgamento, mais 5 civis que haviam sido detidos por retenção de armas, por ocasião destes acontecimentos.

### INVESTIGAÇÃO AGRÁRIA

O Instituto Nacional de Investigação Agrária dispõe este ano de 200 mil contos dos quais 70 mil se destinam à agro-pecuária para financiar as acções que vai desenvolver. Várias transformações se impõem no domínio da investigação agrária, de forma a torná-la mais eficaz para a agricultura e a ultrapassar as actuais dificuldades: dispersão da investigação por vários sectores, a descoerência e incoerência nos objectivos desses mesmos sectores e a especialização e actuação em matérias que nem sempre correspondem às necessidades mais imediatas, subdimensionamento das unidades investidoras.

# RESULTADOS FINAIS DAS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O número anterior de «25 de Abril» incluía um suplemento sobre os resultados das eleições para a Assembleia da República.*

*Por dificuldades a que somos alheios, não nos foi possível dar conta, nesse suplemento, dos resultados nos círculos eleitorais da emigração, porquanto os números finais vieram a ser conhecidos com considerável atraso devido à natural complexidade do mecanismo de apuramento.*

*Por outro lado, dificuldades de ordem técnica impuseram que o referido suplemento não fosse distribuído a todos os leitores.*

*Com vista a preencher uma e outras lacunas, inserimos neste número uma informação, com os números finais e tanto quanto possível diversificada dos resultados das eleições para a Assembleia da República.*

| Partidos  | N.º de votos | Dep. |
|---|--------------|------|
| <b>PS</b>    | 1.913.521    | 107  |
| <b>PPD</b>   | 1.334.413    | 73   |
| <b>CDS</b>   | 876.921      | 42   |
| <b>PCP</b>   | 791.394      | 40   |
| <b>UDP</b>   | 91.920       | 1    |
| <b>FSP</b>   | 42.137       |      |
| <b>MRPP</b>  | 36.306       |      |

| Partidos   | N.º de votos | Dep. |
|--|--------------|------|
| <b>MES</b>      | 31.260       |      |
| <b>PDC</b>      | 29.978       |      |
| <b>PPM</b>      | 28.337       |      |
| <b>LCI</b>      | 16.266       |      |
| <b>PCP M-I</b>  | 15.801       |      |
| <b>AOC</b>      | 17.775       |      |
| <b>PRT</b>      | 5.182        |      |

# COMPETÊNCIAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

*A Constituição Portuguesa que entrou em vigor em 26 de Abril passado consagra nos seguintes termos a competência do Presidente da República:*

## ARTIGO 136.º

(Competência quanto ao funcionamento de outros órgãos)

Compete ao Presidente da República, relativamente a outros órgãos:

- a) Presidir ao Conselho da Revolução;
- b) Marcar o dia das eleições dos Deputados, de harmonia com a lei eleitoral;
- c) Convocar extraordinariamente a Assembleia da República;
- d) Dirigir mensagens à Assembleia da República;
- e) Dissolver a Assembleia da República, precedendo parecer favorável do Conselho da Revolução ou, obrigatoriamente, nos casos previstos no n.º 3 do artigo 198.º;
- f) Nomear e exonerar o Primeiro-Ministro, nos termos do artigo 190.º;
- g) Nomear e exonerar os membros do Governo, sob proposta do Primeiro-Ministro;
- h) Presidir ao Conselho de Ministros, quando o Primeiro-Ministro lho solicitar;
- i) Dissolver ou suspender os órgãos das regiões autónomas, ouvido o Conselho da Revolução;
- j) Nomear um dos membros da Comissão Constitucional e o presidente da comissão consultiva para os assuntos das regiões autónomas;
- l) Nomear e exonerar, sob proposta do Governo, o presidente do Tribunal de contas, o Procurador-Geral da República e os representantes do Estado nas regiões autónomas.

## ARTIGO 137.º

(Competência para a prática de actos próprios)

1. Compete ao Presidente da República, na prática de actos próprios:
  - a) Exercer o cargo de Comandante Supremo das Forças Armadas;
  - b) Promulgar e mandar publicar as leis da Assembleia da República e os decretos-leis e decretos regulamentares do Con-



# CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

- selho da Revolução e do Governo, bem como assinar os restantes decretos;
- c) Declarar o estado de sítio ou o estado de emergência, mediante autorização do Conselho de Revolução, em todo ou em parte do território nacional, nos casos de agressão efectiva ou iminente por forças estrangeiras, de grave ameaça ou perturbação da ordem democrática ou de calamidade pública;
- d) Pronunciar-se sobre todas as emergências graves para a vida da República, ouvido o Conselho da Revolução;
- e) Indultar e comutar penas.
  2. A falta de promulgação ou de assinatura determina a inexistência jurídica do acto.
  3. O estado de sítio ou o estado de emergência não podem prolongar-se para além de trinta dias sem ratificação pela Assembleia da República.

## ARTIGO 138.º

(Competência nas relações internacionais)

Compete ao Presidente da República, nas relações internacionais:

- a) Nomear os embaixadores e os enviados extraordinários, sob proposta do Governo, e acreditar os representantes diplomáticos estrangeiros;
- b) Ratificar os tratados internacionais, depois de devidamente aprovados;
- c) Declarar a guerra em caso de agressão efectiva ou iminente e fazer a paz, mediante autorização do Conselho da Revolução.

# eleições

| CÍRCULOS ELEITORAIS | Partidos |         |         |         |        |       |       |       |       |       |       |        |       |       |
|---------------------|----------|---------|---------|---------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|-------|
|                     | PS       | PPD     | CDS     | PCP     | UDP    | MES   | PPM   | PDC   | LCI   | AOC   | FSP   | MRPP   | PCP   | PRT   |
| AVEIRO              | 100.082  | 113.705 | 72.842  | 12.198  | 2.975  | 1.516 | 1.160 | 1.614 | 820   | 952   | 1.232 | 1.327  |       |       |
| ANGRA DO HEROISMO   | 12.324   | 21.020  | 4.905   | 590     |        | 455   | 233   |       |       |       |       | 186    |       |       |
| BEJA                | 38.258   | 9.916   | 502     | 52.948  | 2.670  | 2.091 | 724   |       | 482   | 561   | 1.564 | 428    |       |       |
| BRAGA               | 108.292  | 96.716  | 85.216  | 13.744  | 3.513  | 967   | 2.619 | 1.711 | 648   | 562   | 2.901 | 1.586  | 932   |       |
| BRAGANÇA            | 21.512   | 31.627  | 26.980  | 2.561   | 765    | 419   | 744   | 822   | 343   | 625   | 1.001 | 583    | 504   |       |
| CASTELO BRANCO      | 58.829   | 32.085  | 28.175  | 9.368   | 1.528  | 844   | 959   |       | 485   | 579   | 1.708 | 1.327  |       | 1.584 |
| COIMBRA             | 98.213   | 64.117  | 30.004  | 17.405  | 2.765  | 1.091 | 1.359 | 1.661 | 1.150 | 1.066 | 1.718 | 1.435  | 486   |       |
| ÉVORA               | 36.876   | 11.159  | 9.713   | 52.378  | 3.155  | 795   | 847   |       | 362   | 410   | 1.502 | 417    |       |       |
| FARO                | 85.410   | 36.905  | 12.799  | 27.667  | 4.933  | 1.390 | 966   | 1.503 | 740   | 1.012 | 3.834 | 1.953  | 808   |       |
| FUNCHAL             | 28.673   | 60.923  | 15.308  | 1.608   | 1.467  | 1.075 | 454   | 1.412 |       |       |       | 552    |       |       |
| GUARDA              | 30.622   | 31.263  | 39.101  | 3.549   | 1.364  | 1.199 | 1.123 | 1.667 | 452   |       | 1.705 | 1.008  |       |       |
| HORTA               | 7.278    | 12.140  | 9.194   | 328     |        |       |       |       |       |       |       |        |       |       |
| LEIRIA              | 69.224   | 69.350  | 43.212  | 16.227  | 2.129  | 1.003 | 1.723 | 1.451 | 812   | 518   | 2.085 | 1.008  | 397   |       |
| LISBOA              | 460.944  | 196.254 | 158.141 | 263.073 | 31.645 | 7.968 | 4.927 | 4.349 | 2.862 | 2.845 | 8.234 | 14.474 | 5.320 | 1.695 |
| PONTA DELGADA       | 23.124   | 29.796  | 7.708   | 952     |        | 529   |       |       |       | 595   |       | 529    |       |       |
| PORTALEGRE          | 40.295   | 9.679   | 13.375  | 21.135  | 950    | 934   | 480   |       | 734   | 598   | 1.004 | 349    | 306   |       |
| PORTO               | 337.126  | 223.181 | 129.913 | 69.264  | 12.581 | 2.262 | 3.040 | 3.005 | 2.392 | 1.169 | 3.806 | 1.949  | 1.121 | 1.438 |
| SANTARÉM            | 104.407  | 53.161  | 37.678  | 43.822  | 4.351  | 1.526 | 1.653 |       | 1.311 |       | 3.091 |        |       |       |
| SETÚBAL             | 115.346  | 30.142  | 13.739  | 159.079 | 10.065 | 2.328 | 977   | 885   | 642   | 9.009 | 3.467 | 3.192  | 2.978 | 565   |
| VIANA DO CASTELO    | 33.286   | 42.527  | 30.481  | 8.612   | 1.130  | 841   | 1.003 | 1.181 | 581   | 373   | 1.313 | 396    | 318   |       |
| VILA REAL           | 34.025   | 50.593  | 23.750  | 6.081   | 1.189  | 887   | 1.076 | 1.029 | 865   | 928   | 539   | 531    | 392   |       |
| UIXEU               | 50.034   | 70.152  | 67.803  | 4.959   | 2.024  | 1.035 | 2.096 |       | 554   | 789   | 1.187 |        |       |       |
| EUROPA              | 23.824   | 16.644  | 3.555   | 5.212   | 407    | 165   | 52    | 475   | 28    | 83    | 183   | 69     |       |       |
| RESTO DO MUNDO      | 2.517    | 21.317  | 14.483  | 562     | 130    | 36    | 123   | 1.277 | 3     | 21    |       |        |       |       |

# eleições (resultados por círculos)

| EUROPA             | Nº de Recenseados | Votos recebidos | Partidos |       |       |       |
|--------------------|-------------------|-----------------|----------|-------|-------|-------|
|                    |                   |                 | PS       | PPD   | CDS   | PCP   |
| ALEMANHA (a)       | 25.540            | 23.479          | 10.350   | 9.933 | 1.398 | 1.182 |
| FRANÇA (b)         | 23.126            | 20.450          | 9.711    | 5.077 | 1.387 | 2.923 |
| BÉLGICA            | 1.100             | 1.023           | 547      | 138   | 69    | 208   |
| LUXEMBURGO         | 1.403             | 1.273           | 728      | 245   | 21    | 203   |
| INGLATERRA         | 1.675             | 1.519           | 533      | 5.086 | 185   | 170   |
| HOLANDA            | 1.363             | 1.286           | 806      | 145   | 19    | 252   |
| ESPAÑA e ITÁLIA(c) | 1.032             | 951             | 248      | 225   | 344   | 37    |
| DIV.PAÍSES-I (d)   | 1.249             | 1.086           | 575      | 159   | 61    | 197   |
| DIV.PAÍSES-II(e)   | 853               | 626             | 326      | 136   | 71    | 40    |

| RESTO DO MUNDO        |        |        |     |       |       |     |
|-----------------------|--------|--------|-----|-------|-------|-----|
| CANADÁ                | 5.355  | 5.058  | 493 | 3.080 | 1.089 | 223 |
| EST.UNIDOS DA AMÉRICA | 8.393  | 7.845  | 399 | 3.561 | 640   | 58  |
| AMÉRICA CENTRAL (f)   | 542    | 479    | 45  | 254   | 141   | 3   |
| BRASIL                | 11.030 | 10.187 | 800 | 3.366 | 5.104 | 137 |
| AMÉRICA DO SUL        | 5.592  | 5.044  | 300 | 2.979 | 1.375 | 60  |
| REP.DA ÁFRICA DO SUL  | 12.617 | 7.850  | 115 | 3.318 | 4.012 | 14  |
| ÁFRICA (h)            | 2.726  | 2.149  | 238 | 1.132 | 651   | 42  |
| ÁSIA (i)              | 361    | 234    | 43  | 85    | 49    | 1   |
| AUSTRÁLIA             | 1.752  | 1.201  | 84  | 542   | 422   | 24  |

- a) Não compreende os votos recebidos dos eleitores recenseados na cidade de Berlim, que foram: Embaixada 21, Consulado 154, e que se encontram incluídos em «DIVERSOS PAÍSES-II».
- b) Não compreende os votos recebidos dos eleitores recenseados no Consulado de Barcelona (556 eleitores), que se encontram incluídos em «DIVERSOS PAÍSES-II».
- c) Não compreende os votos recebidos dos eleitores recenseados no Consulado de Havre (569 eleitores), que se encontram incluídos em «DIVERSOS PAÍSES-I».
- d) Respeita aos seguintes países e/ou áreas consulares, e respectivos números de eleitores inscritos: Noruega (61 eleitores); Checoslováquia, 5; Bulgária, 45; Polónia, 11; Áustria, 58; Havre (França), 569; Finlândia, 26 e Suécia 474 eleitores.

| Partidos |     |     |     |     |     |     |      |  |  |  |  |  |  |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|--|--|--|--|--|--|
| UDP      | MES | PPM | PDC | LCI | AOC | FSP | MRPP |  |  |  |  |  |  |
| 90       | 39  | 13  | 131 | 7   | 26  | 53  | 23   |  |  |  |  |  |  |
| 202      | 80  | 25  | 265 | 16  | 44  | 101 | 27   |  |  |  |  |  |  |
| 19       | 13  | 2   | 4   | 0   | 0   | 2   | 1    |  |  |  |  |  |  |
| 1        | 11  | 0   | 11  | 1   | 1   | 4   | 1    |  |  |  |  |  |  |
| 12       | 3   | 2   | 4   | 1   | 0   | 1   | 10   |  |  |  |  |  |  |
| 11       | 7   | 0   | 6   | 1   | 0   | 0   | 2    |  |  |  |  |  |  |
| 10       | 4   | 7   | 42  | 0   | 4   | 2   | 2    |  |  |  |  |  |  |
| 56       | 6   | 0   | 2   | 0   | 1   | 15  | 1    |  |  |  |  |  |  |
| 6        | 2   | 3   | 10  | 2   | 7   | 5   | 2    |  |  |  |  |  |  |

| Partidos |     |     |     |     |     |     |      |  |  |  |  |  |  |
|----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|--|--|--|--|--|--|
| UDP      | MES | PPM | PDC | LCI | AOC | FSP | MRPP |  |  |  |  |  |  |
| 14       | 6   | 10  | 42  | 0   | 0   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 5        | 8   | 18  | 52  | 2   | 1   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 3        | 0   | 5   | 26  | 0   | 0   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 43       | 9   | 48  | 516 | 0   | 8   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 38       | 6   | 15  | 195 | 1   | 9   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 5        | 1   | 13  | 290 | 0   | 2   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 4        | 6   | 11  | 41  | 0   | 1   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 11       | 0   | 0   | 17  | 0   | 0   |     |      |  |  |  |  |  |  |
| 7        | 0   | 3   | 98  | 0   | 0   |     |      |  |  |  |  |  |  |

- e) Respeita aos seguintes países e/ou áreas consulares, e respectivos números de eleitores inscritos: Grécia, 37; Alemanha (Embaixada de Berlim), 21; Alemanha (Consulado de Berlim), 154; Jugoslávia, 7; Espanha (Barcelona), 556; Roménia, 18 e Dinamarca, 60 eleitores.
- f) Compreende os seguintes países: Bermudas, Cuba e México.
- g) Compreende os seguintes países: Argentina, Colômbia, Peru, Uruguai e Venezuela.
- h) Compreende os seguintes países: Cabo Verde, Egipto, Guiné-Bissau, Marrocos, Rodésia, S. Tomé, Sudoeste Africano, Suazilândia, Zaire e Zâmbia.
- i) Compreende os seguintes países: Hong-Kong, Japão, Paquistão Oriental, Paquistão Ocidental e Turquia.

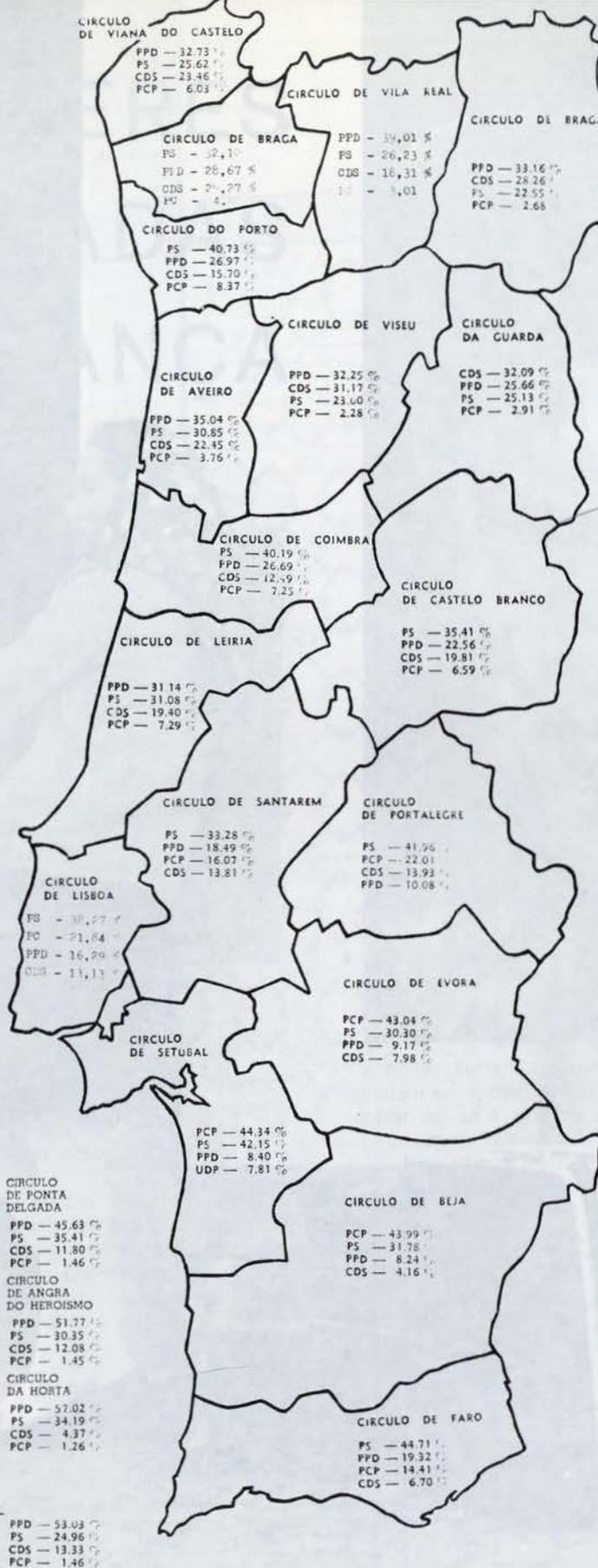
## RESULTADOS POR PARTIDOS NOS CONTINENTES

### EUROPA

| Partidos  | N.º de votos | Dep. |
|---|--------------|------|
| <b>PS</b>      | 23.824       | 1    |
| <b>PPD</b>     | 16.644       | 1    |
| <b>PCP</b>   | 5.212        |      |
| <b>CDS</b>   | 3.555        |      |
| <b>PDC</b>   | 475          |      |
| <b>UDP</b>   | 407          |      |
| <b>FSP</b>   | 183          |      |
| <b>MES</b>   | 165          |      |
| <b>AOC</b>   | 83           |      |
| <b>MRPP</b>  | 69           |      |
| <b>PPM</b>   | 52           |      |
| <b>LCI</b>   | 28           |      |

### RESTO DO MUNDO

| Partidos   | N.º de votos | Dep. |
|--|--------------|------|
| <b>PPD</b>    | 21.317       | 1    |
| <b>CDS</b>    | 13.483       | 1    |
| <b>PS</b>   | 2.517        |      |
| <b>PDC</b>  | 1.277        |      |
| <b>PCP</b>  | 562          |      |
| <b>UDP</b>  | 130          |      |
| <b>PPM</b>  | 123          |      |
| <b>MES</b>  | 36           |      |
| <b>AOC</b>  | 21           |      |
| <b>LCI</b>  | 3            |      |



**AÇORES**

**CIRCULO DE PONTA DELGADA**

PPD — 45.63 %  
 PS — 35.41 %  
 CDS — 11.80 %  
 PCP — 1.46 %

**CIRCULO DE ANGRA DO HEROISMO**

PPD — 51.77 %  
 PS — 30.35 %  
 CDS — 12.08 %  
 PCP — 1.45 %

**CIRCULO DA HORTA**

PPD — 57.02 %  
 PS — 34.19 %  
 CDS — 4.37 %  
 PCP — 1.26 %

**MADEIRA**  
**CIRCULO DO FUNCHAL**

PPD — 53.03 %  
 PS — 24.96 %  
 CDS — 13.33 %  
 PCP — 1.46 %

# AS MULHERES TAMBÉM EMIGRAM



# MULHERES EMIGRADAS EM FRANÇA

*No número de Fevereiro-Março inserimos um estudo em que se abordava a situação da Mulher no mundo e as perspectivas de futuro.*

*Para encarar, mais concretamente, o problema da MULHER EMIGRADA, apresentamos alguns depoimentos de mulheres portuguesas em França, retirados do MIGRANTS-FORMATION, boletim do Centro de Documentação para a Formação dos trabalhadores migrantes, que dedica o número especial de Março ao problema — Mulheres estrangeiras em França.*

A partir de entrevistas, através dum inquérito, algumas mulheres emigradas exprimem o que sentem, as suas aspirações, a sua recusa ou desejo de formação, as suas reflexões sobre o trabalho profissional.

No entanto, queremos lembrar alguns obstáculos presentes num trabalho deste género: a dificuldade de falar para o gravador, de responder em francês, de estar perante uma pessoa «importante», etc.

Mesmo com estas reservas e outras, as trabalhadoras falam. É importante saber o que dizem.

## **«NÃO HÁ TEMPO DE IR AO CURSO»**

— «Os portugueses não têm tempo de ir aos cursos. Não é possível... e à tarde as mulheres têm de fazer o trabalho de casa. Os maridos portugueses não são como os maridos franceses. Não fazem nada



à noite: Entram, tomam o café, comem a sopa e deitam-se. E depois dizem: «Não vale a pena a gente casar-se, se é preciso lavar a loiça». O prior lá na terra, neste Verão, disse na missa, aos homens: — «Para vós, a mulher, só serve para a cama e mais nada». Eles não ficaram contentes, mas ele tinha muita razão».

— «O meu marido, em Portugal, nem sequer quer levar o saco das compras quando vamos à praça, como faz em França».

— «Em Portugal, a mulher trabalha no campo com o marido e faz o trabalho de casa... mas quando chove ou neva, não se vai ao campo. Aqui é preciso trabalhar todos os dias...».

— «Eu, este ano não vou ao curso de francês para aprender a escrever».

Carmelinda (18 anos e meio),  
Maria Eugénia (38 anos)  
e Elisa (53 anos)

## FALAM-NOS MULHERES

### EMIGRADAS...

Respondem as mulheres portuguesas à pergunta sobre a possível escolha duma profissão.

— «Eu teria escolhido ser cabeleireira, mas queria ganhar bem logo ao princípio».

— «Eu também gostaria de ser cabeleireira...».

— «Eu, se tivesse podido, seria costureira».

— «A minha profissão na padaria agrada-me e os meus patrões também; sou tratada como filha. Não penso mudar. Quero juntar dinheiro para montar um comércio em Portugal».

— «Eu, se pudesse, gostaria de ser cabeleireira. Não quero que se diga na entrevista que faço de

mulher a dias... isso não é profissão. Levanto-me todos os dias às 5 e meia e faço 8 horas por dia nos lares dos trabalhadores...».

— «Eu gostava de ser costureira».

### «GOSTAVA DE ME IR EMBORA»

Para terminar, uma questão sempre importante: voltará para o seu país, ou ficará em França?

— «Aqui temos menos dificuldades para educar as crianças, mas depois eu gostava de me ir embora».

— «Se os meus pais não estivessem em França, não ficaria aqui nem sequer dois minutos. Como eles estão à espera que nos casemos... Se me casar com um francês, então ficarei».

— «A maioria dos portugueses não está à espera da idade da reforma para se ir embora...».

#### ALGUNS DADOS DE 1976 (por estimativa)

##### 1. MULHERES EMIGRADAS EM FRANÇA (com mais de 16 anos)

| Nacionalidade | Mulheres | Activas |
|---------------|----------|---------|
| PORTUGAL      | 220 000  | 95 000  |
| Espanha       | 190 000  | 60 000  |
| Itália        | 185 000  | 45 000  |
| Polónia       | 35 000   | 10 000  |
| Jugoslávia    | 35 000   | 20 000  |
| Argélia       | 95 000   | 15 000  |

##### 2. PROFISSÃO DAS MULHERES EMIGRADAS

| Profissão                   | Portugal | Espanha |
|-----------------------------|----------|---------|
| Empregadas de escritório    | 752      | 3 644   |
| Operárias                   | 12 244   | 21 320  |
| Pessoal de serviços         | 11 260   | 37 740  |
| Assalariados rurais         | 964      | 2 072   |
| Trabalho por conta própria  | 204      | 2 080   |
| Quadros médios e superiores | 212      | 848     |

##### 3. MULHERES COM MAIS DE 65 ANOS

| Nacionalidade | Número |
|---------------|--------|
| PORTUGAL      | 8 900  |
| Espanha       | 30 400 |
| Itália        | 42 200 |
| Polónia       | 24 300 |
| Jugoslávia    | 2 800  |

## ONZE MEDIDAS EM FAVOR DA MULHER EMIGRADA

Os poderes públicos de França têm manifestado recentemente, um novo interesse pela situação das mulheres emigradas. Para isso constituiu-se uma comissão (presidida pela senhora G. Tillion) que apresentou um estudo donde foram retiradas as 11 medidas seguintes propostas pelo secretário de Estado encarregado dos Trabalhadores emigrantes, P. Dijoud, no Centro Social do 18.º Bairro (Paris).

### A — MEDIDAS QUE SE SITUAM DENTRO DOS NOVOS PROCESSOS DE REAGRUPAMENTO FAMILIAR

#### 1. Organização sistemática de sessões de informação para mulheres estrangeiras, antes da partida para França.

As sessões de informação sobre a viagem a efectuar, os primeiros contactos e as condições gerais de vida em França, terão lugar no local de origem e o programa recorrerá às técnicas audiovisuais.

#### 2. Generalização do processo de acolhimento das famílias estrangeiras.

As direcções departamentais da acção sanitária e social e os serviços especializados

serão informados da chegada a França das mulheres estrangeiras. Estas receberão depois a visita duma assistente social para em conjunto examinarem os problemas de instalação e adaptação.

3. **Instituição dum crédito de horas de assistência familiar atribuído a toda a emigração pela primeira vez.**

Terão à disposição uma trabalhadora familiar durante 60 horas, em média, que as acompanhará na adaptação aos vários actos da vida quotidiana.

**B — MELHORIA DO PROCESSO DE ASSISTÊNCIA E DE INFORMAÇÃO**

1. **Criação dum esquema nacional de serviço social especializado.**

Este esquema em estreita coordenação com os serviços de acção social, será estendido ao conjunto do território e aberto a toda a população estrangeira.

Terá como função apoiar os serviços sociais e aconselhar e assistir as famílias com problemas de emigração.

2. **Lançamento dum plano de acção sanitária.**

Este plano de conjunto será proposto por uma comissão médica e dele constará um programa de informação, documentação e educação sanitária sobre problemas de higiene, de alimentação racional, de planeamento familiar, de puericultura, de prevenção... Será elaborado na língua das famílias emigradas, respeitando as suas tradições religiosas e culturais.

**C — LANÇAMENTO DUM PROGRAMA DE ACÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

1. **Um esforço particular de aprendizagem da língua francesa.**

Será feito um esforço particular para por em andamento programas destinados às mulheres estrangeiras, elaborados numa perspectiva sócio-educativa.

2. **Aumento de número de centros de pré-formação profissional.**

Será facilitado às raparigas o acesso à formação profissional e a sua inserção na economia francesa.

**D — MAIOR MOBILIZAÇÃO DOS MEIOS EXISTENTES**

1. **Desenvolvimento de actividades específicas dirigidas às mulheres estrangeiras nos centros sociais existentes.**

Actividades de: aprendizagem da língua,

curso de economia familiar e ensino doméstico... dum ponto de vista educativo e cultural.

2. **Multiplicação de antenas sociais nas zonas residenciais**

Nos locais colectivos de residência haverá actividades diversificadas, numa perspectiva de diálogo com as famílias francesas.

**E — FAVORECER A COMUNICAÇÃO ENTRE OS SERVIÇOS SOCIAIS E AS MULHERES ESTRANGEIRAS**

1. **Aumentar o recrutamento de pessoal de serviço social qualificado:**

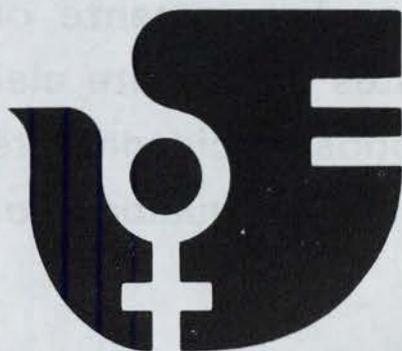
Nos equipamentos e serviços sociais para mulheres estrangeiras.

2. **Lançamento dum programa de sensibilização, de formação e de aperfeiçoamento.**

Dirigido aos agentes públicos e privados que intervenham no domínio de acolhimento, da orientação e da assistência a famílias emigradas.

Para terminar, algumas notas:

- Já é tempo de acabar com uma visão antiquada da emigração, que faz olhar só para o lado dos emigrantes trabalhadores, e cuidar apenas dos aspectos económicos, profissionais, condições gerais...
- As mulheres emigradas põem esta exigência grave: não podem ser recebidas apenas como trabalhadoras emigradas, mas é a própria família que tem de ser acolhida, numa perspectiva mais larga que compreenda e seja sensível ao choque de culturas que tal ocasiona.
- O «ano internacional da mulher» (1975) já passou, novas tentativas se fizeram, mas os problemas continuam. É necessário redobrar de esforços para chegar até junto da mulher emigrada. O que exige, para lá das técnicas, um sentido mais apurado de aproximação dos valores culturais enraizados na pessoa da mulher emigrada que pertence a tal povo concreto, que vive e luta em determinada situação muito particular.



# AS MULHERES NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Apresentamos alguns dados referentes a mulheres deputadas.

1 — **O número de candidatas** foi de 442 para 3012 candidatos masculinos. Nos partidos onde se verificou uma maior descida foi no PS.

2 — **Quem são as deputadas**

**Partido Socialista:** (— 5 em 106)

Etelvina Lopes de Almeida, Carmelinda M. Santos Pereira, Maria E. M. Moreira da Silva, Beatriz Magalhães Almeida e Maria Barroso.

**Partido Popular Democrático** (— 2 em 71):

Maria Helena Salema Roseta e Amélia C. M. Andrade Azevedo.

**Centro Democrático Social** (— 1 em 41):

Maria José M. Sampaio.

**Partido Comunista Português** (— 1 em 40):

Fernanda Pelejo Patrício.

Barbosa Nogueira, Hermenegilda Pacheco Pereira e Ercília C. Pimenta Talhadas.

Estes números só são possíveis, porque em Lisboa, Porto e Santarém, onde o número de deputados a eleger é grande, aparecem mulheres.

3 — **Distritos onde não existe qualquer mulher eleita:** Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Horta, Funchal e pelos círculos dos emigrantes.

4 — As deputadas eleitas por: Aveiro — 1 deputada do CDS; Beja — 1 do PCP; Évora — 1 do PS.

**Lisboa** — 5 deputadas (1 do PS, 2 do PC e 1 do PPD); Porto — 2 do PS, 1 do PPD; Santarém — 1 do PS; Setúbal — 2 do PCP.

**As Porta-Vozes...**

Estarão, portanto, 14 mulheres na Assembleia da República. Perderam 5 lugares em relação à Constituinte, que tinha 19 (mais tarde subiu para 22). É bastante acentuada a descida no PS e PPD, enquanto o PC aumentou para mais uma deputada.

— Que pensam disto as nossas leitoras? Não será muito importante que as mulheres participem **mais**, muito mais na orientação dos problemas globais do país?

Convidamo-las a ler o artigo **«Mulheres emigradas em França»**, e a mandar-nos as suas reflexões.

**«Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direcção dos assuntos públicos do país, directamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos».**

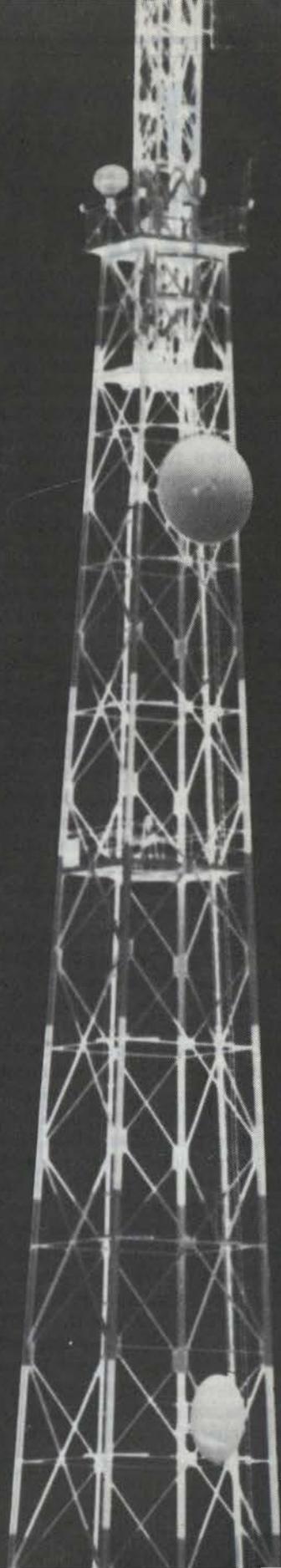
**«Todos os cidadãos têm o direito de acesso, em condições de igualdade e liberdade, às funções públicas».**

(da «Constituição da República Portuguesa»)

# EMISSÕES DE RÁDIO PARA PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

As emissões da Rádio Liberdade, da responsabilidade da Secretaria de Estado da Emigração, estão no ar diariamente em onda curta:

- de segunda a sábado das 21 às 22 (hora de Lisboa), em 31,014 metros;
- ao domingo das 13 às 14 (hora de Lisboa), em 49 metros.



# O CONSELHO DA EUROPA CONVIDA PORTUGAL

Reunida em Estrasburgo de 4 a 7 de Maio passado, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa incluiu na sua agenda de trabalhos a análise da situação portuguesa, bem como a sua possível filiação naquele organismo.

O acidentado caminho percorrido por Portugal de Abril de 74 até hoje, colocou a Europa em permanente estado de alerta, o que aliás está bem expresso nas reservas que pôs aos auxílios e cooperação com o nosso País.

A estabilidade política decorrente dos acontecimentos de 25 de Novembro, e o êxito das eleições para a Assembleia da República realizadas em 25 de Abril passado, parecem no entanto terem alterado a posição das potências europeias. Os resultados dessa nova perspectiva começaram já a traduzir-se em formas concretas de apoio (por exemplo, a recente ajuda do Mercado Comum), e tudo leva a crer que muito em breve Portugal será totalmente enquadrado no contexto europeu.

A admissão de Portugal no Conselho da Europa será pois uma etapa decisiva para esse enquadramento, embora este organismo não tenha poderes decisórios relevantes, constituindo antes um bloco de solidariedade onde se reflecte um consenso político de sentido geral, subordinado aos princípios da democracia ocidental.

Portugal fez-se representar nesta sessão com a presença de 4 deputados dos partidos mais votados nas últimas eleições: José Luís Nunes (PS), Jorge Miranda (PPD), Lucas Pires (CDS) e Vital Moreira (PCP). Presentes também jornalistas de diversos órgãos da Informação nacionais.

Em declarações aos representa-



tes dos órgãos de Informação, o Secretário-Geral do Conselho da Europa, Hahn-Ackermann afirmou que «Portugal reúne hoje todas as condições para ingressar nesta organização». Na sessão parlamentar, o chanceler federal austríaco, Bruno Kreisky, afirmou por seu turno que «durante a agitação que abalou Portugal tememos, por mais de uma vez, que se concretizassem intervenções externas. A situação chegou a ser extremamente delicada, porque as frotas das duas superpotências navegam no Mediterrâneo e o movimento de navios junto da costa portuguesa tinham sem dúvida nenhuma o objectivo de influenciar consideravelmente a marcha dos acontecimentos no país. Mas tudo se resolveu e há 15 dias o povo português pôde, pela primeira vez depois de 50 anos de ditadura, eleger livremente o seu parlamento».

Entretanto, na véspera do debate sobre a situação em Portugal, Hans Dietrich Genscher, actual presidente do «Comité de Ministros dos 18» e ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha (que visitou recentemente o nosso País para concretizar um auxílio do Governo Alemão), revelou que todos os participantes na reunião ministerial manifestaram a maior satisfação pela forma como decorreram as eleições, satisfação que ele pró-

prio, «observador do progresso português», partilhava inteiramente. Acrescentou ainda que o nosso País reúne desde já as condições essenciais para passar a ser membro dos «dezoito», «em breve dezanove». Interrogado sobre se era possível a admissão de Portugal respondeu: «Espero que sim. Não há dúvida que Portugal é inteiramente bem-vindo. É indubitável que Portugal preenche as condições de filiação».

O extenso relatório sobre a situação em Portugal, discutido pela Assembleia refere pontos fundamentais de análise da situação política portuguesa, bem como as «resoluções» daquele organismo, dos quais destacamos:

«Tendo ouvido representantes da Assembleia Constituinte de Portugal, eleita a 25 de Abril de 1975, e da Assembleia da República, eleita a 25 de Abril de 1976;

Congratulando-se pela decisão das Forças Armadas de, em conformidade com o «Programa do MFA» inicial, reconhecer a supremacia da autoridade civil e de se reservar apenas um papel consultivo e de garante;

Congratulando-se pela promulgação duma Constituição que reconhece o poder de controlo e de iniciativa da Assembleia da República, e que garante os direitos do homem e as liberdades fundamen-

tais, nomeadamente todos os que figuram na Convenção Europeia dos Direitos do Homem;

Congratulando-se, igualmente, pela libertação de quase todos os presos políticos, quer tenham servido o antigo regime ou que tenham sido detidos no seguimento dos acontecimentos de 28 de Setembro de 1974, de 11 de Março de 1975 e de 25 de Novembro de 1975;

Felicitando o povo português por ter votado em massa no dia 25 de Abril de 1976, como já fizera a 25 de Abril de 1975, em partidos políticos que assentam em princípios democráticos e ter, deste modo, ignorado os apelos dos grupos extremistas;

Apela para os Governos de todos os Estados membros no sentido de intensificarem a sua cooperação com Portugal, tanto pela via bilateral como, sobretudo, multilateral, por intermédio das organizações europeias, de modo a manifestarem concretamente a sua solidariedade europeia e a evitar que os progressos realizados no estabelecimento de condições plenamente democráticas em Portugal sejam comprometidos pela actual situação económica preocupante deste país, herdada de 50 anos de ditadura e agravada pela crise de recessão e no seguimento de uma descolonização rápida;

Decide intensificar as suas relações com os representantes livremente eleitos de Portugal, até que um presidente da República eleito tenha tirado as conclusões dos resultados das eleições legislativas, preparando deste modo a via para a adesão de Portugal ao Conselho da Europa.

No decurso da visita que a delegação, composta por Arne Christiansen, vice-presidente da Assembleia e pelo vosso correspondente, efectuou a Portugal em Dezembro de 1975, antes do último debate da Assembleia, a quase totalidade dos nossos interlocutores mencionaram a necessidade de restabelecer a autoridade do Estado, que já nessa altura não era assegurada nas ruas, nos campos e, sobretudo, nos quartéis, como condição indispen-

sável ao progresso da democracia e prevalecimento do Direito, tal como são entendidos pelo Conselho da Europa.

Na sua resolução 601, aprovada por unanimidade no dia 3 de Outubro de 1975, depois dum debate no qual participou uma delegação de cinco deputados da Assembleia Constituinte portuguesa, a Assembleia congratulou-se pela formação do Sexto Governo Provisório «cuja composição e programa reflectem a vontade livremente expressa no dia 25 de Abril de 1975 pelo povo português». Porém, uma minoria activa tentou opor-se à vontade da maioria concretizada nos resultados das eleições para a Assembleia Constituinte e na composição do Sexto Governo Provisório. O Governo teve dificuldades sérias e, durante a última quinzena de Novembro de 1975 decidiu — facto sem precedentes — suspender as suas próprias actividades até que o Conselho da Revolução aceitasse apoiar a sua actividade governativa de maneira menos ambígua.

O desafio directo que facilitou a clarificação da situação, não veio como se esperava, da direita, em relação com a independência de Angola, concedida como previsto no dia 11 de Novembro, mas da esquerda, com a insurreição do regimento de para-quedistas de Tancos, no dia 25 de Novembro.

A assembleia que, assim como a Comissão Internacional de Juristas, se tinha preocupado com as detenções sem julgamento, felicitar-se-á particularmente com a evolução recente da situação no que respeita aos presos políticos. As prisões, que a dado momento estiveram tão cheias como no tempo de Marcelo Caetano, devido aos encarceramentos que seguiram cada um dos quatro «dias» da revolução (25 de Abril, 28 de Setembro de 74, 11 de Março e 25 de Novembro de 1975) foram praticamente esvasiadas. A nova Constituição garante (art. 208.º) a independência do futuro sistema judiciário português e exclui toda a possibilidade de aparecimento

de jurisdições especiais, tais como os tribunais «de ordem pública» espanhóis.

A ajuda da CEE tem particular importância para Portugal; apesar das autoridades deste país estarem plenamente conscientes de que ele não poderá pedir para aderir a ela enquanto a sua economia não esteja assente numa base muito mais saudável. Contudo, defendi em relatórios anteriores à assembleia, que a Comunidade deixou passar uma oportunidade de escolha, ao não responder mais depressa e mais generosamente às necessidades de Portugal. A soma de 150 milhões de unidades de conta concedida para a ajuda de emergência foi inferior ao número que certos estados membros da CEE esperavam e a procedência relativa à sua aplicação, bastante lenta e complicada. Embora o princípio de «ajuda de emergência» tenha sido reconhecido em Outubro de 1975, e que tenham sido fornecidas quantidades consideráveis de produtos alimentares e medicamentos para os refugiados de Angola, o «comité» misto CEE/Portugal, encarregado de seleccionar os projectos específicos que beneficiariam da ajuda concedida pelo Banco Europeu de Investimento, só efectuou a sua primeira reunião no dia 9 de Janeiro e o primeiro contrato relativo aos empréstimos do BEI, relativo a um montante de 50 milhões de unidades de conta, só foi assinado no dia 7 de Abril. As negociações entre Portugal e a CEE com vista à elaboração dum protocolo financeiro que alargasse o acordo de livre-troca de 1975, iniciaram-se a 13 de Fevereiro de 1976. O major Melo Antunes observou justamente que «a rapidez com que poderemos aplicar as decisões já tomadas e concluir as novas negociações dará a medida da capacidade operacional da Comunidade».

Ortoli, o presidente da comissão da CEE, efectuou uma visita oficial a Lisboa nos dias 6 e 7 de Março de 1976, e declarou em seguida que o auxílio financeiro da CEE a Portugal seria «muito mais importante do que a actual ajuda de emergência».

Esperava-se que as negociações relativas ao protocolo financeiro, aprofundando e alargando o acordo de 1972, estariam concluídas antes do fim de Abril. Os pontos discutidos em meados de Março eram: a revisão acrescida das quotas para exportações portuguesas de têxteis, vinhos de qualidade e conservas de tomate; os abonos de família a favor dos trabalhadores portugueses nos países da CEE e a cooperação industrial e tecnológica. Portugal aproximou-se do Con-

selho da Europa no dia 16 de Fevereiro de 1976, quando o embaixador de Portugal em Paris assinou o instrumento de adesão à convenção cultural, que dá automaticamente a Portugal o direito de participar totalmente nos trabalhos do Conselho de cooperação cultural. Apesar do seu título, a cooperação em matéria de educação intervém em 80 % das actividades do CCC. A educação tem um papel crucial a desempenhar no futuro de Portugal, dada sobretudo a taxa ele-

vada de analfabetismo dos adultos, calculada em 30 %.

Devemos congratular-nos pelo facto do professor Henrique de Barros, que presidiu aos trabalhos da Assembleia Constituinte Portuguesa, ter participado com outro antigo membro desta assembleia, António Leite de Castro (PPD) na grande conferência sobre a evolução das instituições democráticas na Europa, recentemente organizada pela nossa Assembleia (21-23 de Abril).

## CONSELHO DA EUROPA O QUE É? COMO FUNCIONA?

A ideia, já bastante antiga, de reunir os representantes de todas as nações europeias numa organização confederativa com vasta jurisdição, conquistou uma actualidade nova a seguir à Segunda Guerra Mundial. Assim reunidos em Haia de 7 a 10 de Maio de 1949, os delegados europeus apresentaram o projecto da eleição de uma assembleia parlamentar cujos mandatários seriam designados directamente, por sufrágio universal, pelos povos dos diferentes países da Europa (este processo de eleição viria a ser abandonado dada a sua extrema complexidade).

Depois de um ano de consultas, em que o projecto conheceu grandes vicissitudes, o estatuto da organização veio finalmente a ser assinado, em Londres (5 de Maio de 1949) pelos ministros dos Negócios Estrangeiros de dez países europeus: Bélgica, França, Grã-Bretanha, Luxemburgo e Holanda, os promotores da instituição, aos quais se juntaram a Dinamarca, Irlanda, Itália, Noruega e a Suécia.

A organização desenvolveu-se depois com a admissão da Grécia, Turquia, Islândia, República Federal da Alemanha, Áustria, Chipre, Suíça e mais recentemente a ilha de Malta.

A presença de alguns destes países foi por diversas vezes contestada em virtude de os seus governos não garantirem suficientemente a aplicação do artigo 8.º relativo ao respeito pelas liberdades públicas (casos da Turquia e da Grécia, este último chegando a estar afastado da organização).

Tal como outros países onde não se verificavam (ou não se verificam ainda) tais condi-

ções sociais e políticas, Portugal nunca fez parte desta organização, que por diversas vezes não poupou severas críticas ao regime anterior.

Os órgãos do Conselho são o Comité de Ministros e a Assembleia. O Comité é constituído por representantes dos 18 países membros e reúnem-se 12 vezes por ano: 10 vezes ao nível de embaixadores e 2 ao nível de ministros.

A procura de medidas apropriadas à unificação da Europa num determinado sector de actividades é confiada pelo Comité de Ministros a um grupo de peritos. O Comité de Ministros pode criar os seguintes comités de peritos e especialistas: Conselho de Cooperação Cultural, Comité Europeu de Cooperação Jurídica, Comité Europeu para os Problemas Criminais, Comité Social, Comité de Saúde Pública, Conferência Europeia dos Poderes Locais e Comité para a Salvaguarda da Natureza e da Paisagem.

Na assembleia (que esclarece e orienta a acção do Comité de Ministros) cada Parlamento Nacional é representado proporcionalmente à sua população e às respectivas forças políticas (cada parlamentar exprime a sua própria opinião). A assembleia exerce a sua competência nos vários sectores de actividade do Conselho da Europa: político, económico, social, jurídico, educativo, cultural e científico.

Os objectivos do Conselho da Europa pretendem ser, sobretudo, realizar uma união mais estreita entre os países europeus a fim de salvaguardar e promover os ideias e os princípios que constituem o seu património comum e de favorecer o seu progresso económico e social.

Tendo fracassado em alguns dos seus objectivos, o Conselho da Europa consegue no entanto dar força de lei a iniciativas como a Convenção para a Salvaguarda das Liberdades Fundamentais e dos Direitos do Homem.



## O MINISTRO DO TRABALHO DA VENEZUELA E A COMUNIDADE PORTUGUESA

O balanço da actividade da Colónia Portuguesa no País, foi altamente positivo, disse o Ministro do Trabalho, Dr. Manzo González quando foi entrevistado pelo redactor. Aludiu o Dr. Manzo González a que os portugueses na sua imensa maioria se têm caracterizado pela sua dedicação ao trabalho e sobretudo por se arreigarem ao País, e seu desejo íntimo é de instalarem-se definitivamente na Venezuela...

Quando se pediu uma opinião sobre a importância que pode ter a Câmara de Comércio Indústria e Turismo Luso-Venezuelana, nas relações entre a Venezuela e Portugal, o Ministro do Trabalho respondeu:

*«— Creio que tem uma extraordinária importância, porque pode servir para canalizar experiências em campos tão importantes como a indústria, o comércio, o turismo, e pode ser um organismo de coordenação de grande realce para estas tarefas.*

*Tendo em vista a transcendência que tem este assunto no futuro do País, se tomarmos em consideração os planos de desenvolvimento que estão em marcha, acreditamos de suma importância conhecer a sua autorizada posição quanto à importância da mão-de-obra qualificada portuguesa.*

*— No País, nos últimos dez anos, houve indubitavelmente uma extraordinária expansão industrial. Isto observa-se até tendo em conta alguns números. Para o ano de 1973 havia no Ministério de Fomento 300 projectos industriais, nos três anos seguintes até 1976, aprovaram-se 940 projectos industriais.*

*Esta extraordinária expansão industrial requer, sem dúvida, mão-de-obra qualificada. Creio que é possível que uma comissão, onde estejam representados o sector patronal, o sector operário e o governo, estude a importação de mão-de-obra qualificada e determine a sua oportunidade, quando é conveniente e em que ramo da indústria.»*

Para terminar esta pequena entrevista, este periódico está à disposição de V. Ex.<sup>ª</sup>, se desejar enviar

alguma mensagem à Colónia Portuguesa na Venezuela.

*«— É uma grata coincidência o momento em que entra em vigor em Portugal uma nova Constituição por um período de quatro anos, que depois se poderá modificar ou não. Quero dizer, no preciso momento em que se normaliza a vida institucional de um país tão importante como Portugal, envio à Colónia Portuguesa na Venezuela, uma cordial mensagem de estima e apreço.»*

## Os emigrantes portugueses e o II centenário da independência dos Estados Unidos da América do Norte

Segundo reza a história, foram os portugueses os primeiros europeus a pisarem as praias do continente norte-americano, nos princípios do séc. XVI.

Emigrantes hoje, os trabalhadores portugueses residentes nos Estados Unidos, criaram, como é seu hábito, uma onda de admiração à volta da comunidade que constituem. A isso não será estranha uma certa maneira de se afirmar no trabalho e pelo trabalho, a que o emigrante português tem vindo a habituar os países por onde, num gesto largo e num esforço empreendedor, a sua actividade é distribuída.

Os Estados Unidos da América do Norte, ao comemorarem o II centenário da sua Independência, são pois alvo da homenagem da comunidade portuguesa. Neste sentido, alguns órgãos representativos de sectores da comu-

nidade emigrada, decidiram constituir uma Comissão Portuguesa às comemorações, da qual fazem parte os jornais «Voz de Portugal», «Revista Oportunidades», «Luso-Americano», «Novos Rumos», e «Portuguese Times», para além do programa de rádio «Carrocel».

Facto mais significativo constitui a edição de uma medalha comemorativa a assinalar a data. Desta medalha (que reproduzimos) será feita entrega simbólica ao presidente dos Estados Unidos, ao Cardeal Humberto de Sousa Medeiros e aos senadores Edward Kennedy e Edward Brooke, assim como ao congressista Gerry Studds.

As comemorações da Independência dos Estados Unidos, encontram assim nos portugueses residentes no país, um eco comprovativo de que somos um povo aberto, admirador das lutas pela independência nacional de outros

povos, de outras nações. Descendentes ou não dos primeiros emigrantes chegados em navios baleeiros à região da Nova Inglaterra, no século XIX, os actuais emigrantes nos Estados Unidos da América, perfazem cerca de 300 mil almas que, a par do contributo que vêm dando para o quotidiano americano, não deixam de ser «reparados» pelo enraizado amor e carinho, com que continuam cultivando as tradições culturais e populares das regiões donde são oriundos: desde o rancho folclórico, à procissão de um santo padroeiro...

Na América, como de resto em qualquer dos cinco cantos do mundo, o português leva consigo um pedaço da sua Pátria-mãe, das suas tradições e, por isso talvez, admira melhor e sente como suas, as tradições mais queridas de outros povos.





## E A EMIGRAÇÃO

Num Documento recentemente publicado pela Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO), da autoria do escritor e sociólogo francês Robert de Montvalon, é lançado um aviso urgente à Comunidade Europeia, no que se refere à situação dos jovens trabalhadores emigrantes.

Assim, o documento refere o sentimento de frustração de milhares de jovens emigrantes, ao serem deficientemente alojados, confron-

tados, inúmeras vezes, com casos de indiferença e incompreensão à sua volta.

O relatório salienta que, de todos os países da Europa Ocidental, é a Alemanha Federal a que possui mais trabalhadores estrangeiros, entre 3,6 e quatro milhões, seguindo-se a França e o Luxemburgo onde, neste último país, em cada quatro membros da sua população, um é emigrante.

O relatório, não obstante, propõe para resolver o problema:

- participação dos jovens emigrantes nas decisões dos conselhos municipais ou distritais;
- ensino da língua local durante as horas de trabalho;
- participação, através dos órgãos de comunicação social, em programas sobre problemas de habitação;
- campanhas de esclarecimento e informação, levadas a cabo pelos países de origem, sobre o país para onde o emigrante vai residir, os seus direitos nesse país, etc.

O documento salienta a urgência com que o fenómeno emigratório deve ser encarado, no que respeita às suas diversas disparidades sociais, económicas e culturais, tanto mais que a população emigrante na Europa Ocidental atinge neste momento 10 milhões de trabalhadores, entre os quais devemos incluir grande número de portugueses.



## EMIGRAÇÃO EM FRANÇA

Em 1975 diminuiu de 60 por cento o número total dos trabalhadores estrangeiros que entram anualmente em França para procurar um emprego definitivo — segundo estatísticas publicadas pelo Ministério francês do Trabalho.

Com efeito, o número de trabalhadores imigrados passou de

64 462, em 1974 para 25 591, em 1975, devido, sobretudo, à suspensão da imigração, em Julho de 1974. Cerca de metade destes imigrantes são originários dos países do Mercado Comum (9832), ou dos países do Sueste Asiático (2400).

Além destas categorias de imigrantes, verifica-se que os portu-

gueses, a segunda comunidade estrangeira em França depois dos argelinos (840 460 em 1973), forneceram o contingente mais forte de trabalhadores activos em 1975, ou seja, 4946 pessoas, seguindo-se os marroquinos.

A diminuição do fluxo migratório afectou, sobretudo, o Marrocos e os outros países de imigração recente não europeia e mais longínqua. Assim, no seu conjunto, a imigração marroquina permanentemente diminuiu de 79 por cento em relação ao ano precedente, a portuguesa de 65 por cento e a espanhola de 62.

Quanto à imigração turca foi quase nula em 1975. Só 201 entradas. Também diminuiu bastante a imigração iugoslava e tunisiana: 242 e 820 entradas em 1975, contra respectivamente 9026 e 20 857 em 1973, ano anterior à interdição.

Completamente encerrada a imigração argelina desde Setembro de 1973, por causa dos incidentes raciais em França, apenas se processou «o reagrupamento familiar».



## EMIGRANTES PORTUGUESES EM FRANÇA FAZEM TEATRO

Um grupo de Emigrantes portugueses da região de Mulhouse apresentaram pela primeira vez uma peça de teatro escrita pelos próprios emigrantes e tratando de questões sobre a sua situação específica. A peça foi escrita pelo emigrante José Coutinhas que vive em Basileia (Suíça). Na brochura que acompanha, a título de propaganda, as próprias representações, pode-se ler que o tema da mesma gira à volta da morte de um emigrante, destacando-se a determinado passo a interrogação seguinte: «Os portugueses vêm a França para trabalhar, poucos para se divertirem, nenhuns para se instruírem. Mas quem disse isso?».

Foi, de resto, esta realidade constante, que levou à criação do grupo de Teatro «Tempo» e ao aparecimento da citada peça.

Na região de Mulhouse vivem perto de 4000 emigrantes portugueses, daí o interesse da actividade associativa desenvolvida nesta região pela «Association des Portugais» (9, Rue de Oiseaux, 68200 — Mulhouse/França), fundada em 1973. Esta Associação está na origem do aparecimento da referida peça de teatro, pois foi escrita expressamente para o seu grupo cénico. Das diversas actividades desta Associação destacam-se com relevo as culturais e desportivas, onde a programação de conferên-

cias e projecção de filmes, cedidos pela Secretaria de Estado da Emigração, desempenham importante papel, ao mesmo tempo que se organiza uma biblioteca. Das actividades sociais destaca-se a assistência fornecida aos emigrantes por duas assistentes sociais, duas vezes por mês.

No campo desportivo a **Associação dos Portugueses** ocupa relevante lugar no futebol regional, com a sua equipa em lugar de destaque na terceira divisão regional.

Os actores do grupo de teatro constituído para levar à cena a peça são todos eles operários.

# PORTUGAL

## INFORMAÇÃO / DOCUMENTOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL PARA AS COMUNIDADES PORTUGUESAS NO EXTERIOR

EDIÇÃO PROPRIEDADE IMPRESSÃO SECRETARIA DE ESTADO DA EMIGRAÇÃO / direcção PAULINO GOMES - SEDE direcção DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO  
APOIO CULTURAL - PRAÇA DO AREEIRO 11 - 4ºESQ - LISBOA - PORTUGAL - TEL. 7726095 / REPRODUÇÃO AUTORIZADA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

27/4  
ABRIL MAIO  
1976

3

Na sequência de outras acções destinadas a fornecer a todos os emigrantes uma visão ampla da vida portuguesa de hoje, os Serviços de Informação e Apoio Cultural da SEE iniciaram a publicação do Boletim «Portugal Informação/Documentos».

Trata-se de um Boletim de Apoio, cujo noticiário (texto e imagens) sintetizado poderá ser reproduzido, parcialmente ou na íntegra, ou utilizado para desenvolvimento, por todos quantos de uma maneira ou outra enfrentam dificuldades para obter e divulgar notícias sobre Portugal junto dos nossos emigrantes. (São os casos dos delegados da SEE, funcionários consulares, professores, associações, Imprensa, Rádio, TV, etc.).

De periodicidade semanal «PORTUGAL» passará futuramente (logo que as condições técnicas de expedição o permitam) a bi-semanal.

entrevista

emigrante

## «VOU REMIR O TEMPO...» - disse César Morgado

*Uma viagem de comboio de Lisboa a Castelo Branco, num fim de semana, proporcionou uma conversa com um emigrante que vinha da Alemanha, dos arredores de Dortmund, passar 3 semanas na sua terra, na Beira Baixa.*

*O diálogo surgiu, normalmente, entre os passageiros; foram eles, aliás, que conduziram a conversa que aqui deixamos.*

— Fui para a Alemanha, já com um contrato em 1972...

O que fazia por cá? Pois olhe, cá já fiz tudo: primeiro cavei na terra, fui alfaiate e depois estive quase 6 anos numa fábrica de luvas (em Carcavelos) que pertencia a um alemão.

— Fui por necessidade, pois claro... Para ver se melhorava a minha vida. Cá também me governava, é verdade. Mas depois pensei: «vou remir o tempo... Em vez de estar aqui a trabalhar para os outros, vou ver se ganho uns tostões e depois venho para a minha terra».

— **Vocês lá têm muita protecção das autoridades alemãs?**

— Já tivémos mais que hoje... Eu já fui despedido da fábrica metalúrgica para onde fui ao princípio do ano passado. Houve uma crise e fui despedido... Avisaram-me um mês antes... Fui então para o desemprego (o arbeitszeit?)

— **Não há ninguém, portugueses, para tratar dos portugueses?**

— Temos uma assistente social. É nossa vizinha... Era intérprete numa fábrica e agora está Assistente Social em Esse...

— Há despedimentos porque os alemães também estão muitos desempregados. Devido ao petróleo, as fábricas começaram a ter muito menos trabalho. Quis ir para um emprego de jardinagem, mas não pude ir por ser estrangeiro. A firma aceitava-me... Por sinal estava já à espera dum amigo, quando recebo uma carta do Arbeitszeit, a dizer que não podia trabalhar lá... só se tivesse o diploma, a especialização de jardineiro ou se fosse alemão. Como eu não tinha, nem era alemão... O Arbeitszeit dá um subsídio de desemprego consoante o ordenado anterior... Ora o meu ordenado era pequeno, tinha de me empregar... Também tentei ir para Colónia e não foi possível porque havia muitos desempregados... Só se podia ir para aqueles empregos que os outros não queriam...

Um amigo levou-me a uma firma de construção, e disseram-me que sim. «O sr. vai a Arbeitszeit para ele lhe passar autorização aqui para esta zona»... porque a minha carta de trabalho não dava para traba-

lhar em toda a Alemanha... dava só para aquela região, por sinal dava só para aquela firma onde trabalhei ao princípio.

Depois tive mais problemas por causa disso. O Arbeitszeit dizia — «eu não posso escrever isso que o senhor quer, porque o Arbeitszeit de lá é que deve autorizar...» E por isso não cheguei a ir, porque era das zonas onde havia muitos desempregados...

— **Os bons empregos são para os alemães, não é?**

— E tem de ser; têm técnicos, têm gente nova, especializada. Isso é a evolução... compreende-se!

— **Essa fábrica de embraiagens é para uma marca só?**

— Não, é para todas; é só para reconstruir... Há angariadores em todos os lados. Compram as embraiagens ao ferro-velho, depois vão para as máquinas, aproveita-se o prato... É só embraiagens que lá recebemos. O meu trabalho é só montar... É um trabalho que até o meu menino de 5 anos fazia...

— Sim, tenho cá a mulher, um menino e duas meninas. Lá, estou numa casa com mais portugueses. Aquilo ajuda muito, é formidável. Só um é que é destes lados, do Sardoal, os outros são de Viseu, Tondela... Por acaso tudo boa gente... Já tenho aproveitado em dar umas voltas. Formam-se umas excursões... Já fui 2 vezes à Holanda... Às vezes, agora, ouvimos a rádio em português e gostamos muito. Eu não tenho rádio mas ouvimos na telefonia dos camaradas.





# a floresta em Bremerhaven

Olga Gonçalves não escreveu este livro. Olga Gonçalves ouviu alguns emigrantes, em especial uma família; soube ver e ouvir, com olhos atentos, seguindo Fernando Pessoa: «o essencial é saber ver...» Depois passou à escrita, passou a «contá-lo ao leitor solitário, a nós que nos movemos nesta grande cidade, ou por esse país fora, nas vilas e aldeias, nos campos.

O resultado é o seguinte: estamos perante, não um livro de ficção, mas uma recolha sobre a vida do emigrante, com a linguagem própria, os termos exactos, o peso todo. No fundo, é a sua cultura, a profundidade do seu saber acerca da vida, que vem ao de cima, como afirma um deles (na página 9):

«...era analfabeto, mas olhe que ouvia romper as raízes das ervas dez metros abaixo do chão. Por que é que não puderam mandar-me à escola? Era diferente deles?»

A seguir, inserimos algumas páginas para os nossos leitores poderem recordar o que passaram.

## «IAM AS CARRUAGENS CHEIAS DE EMIGRANTES...»

«— Víamos, sim senhora. Eram os outros emigrantes. Iam as carruagens cheias de emigrantes. O que diz a senhora? Quer saber como comíamos? Bem, nós comíamos, levámos um farnel aqui de casa. Peixe frito, carne no molho, linguiça frita com ovos. Levámos pão, levámos vinho, levámos fruta. A fruta que arranjámos em Lisboa, perto da estação de Santa Apolónia. Assim que lá chegámos deram-nos sandes de papo-secos com queijo e fiambre, dentro duns sacos plásticos, e meio litro de vinho a cada pessoa. Na fronteira de Espanha é que fizemos bicha, de manhã, para irmos buscar café ou leite, e davam também dois bolinhos e uns quadrados de queijo, aquele queijo «Zeca», não sei se conhece, eu não gostei nada. Não deram outro comer ao emigrante por essa viagem fora. O que seria de nós sem o nosso farnel, que eu não me lembro se nos deram mais alguma coisa até à Alemanha. Mas se deram, foi assim, sempre o mesmo café com leite tirado dumas máquinas, sempre o mesmo comer seco.

## «EU FUI PARA LÁ COM MUITO GOSTO...»

— Tudo isto era incluído no bilhete do emigrante, tudo despesas pagas pela fábrica, que nós já íamos com um contrato de trabalho. Foram pessoas de família que já lá estavam na «Nordsee» que nos arranjaram para nós irmos. Eles chamaram-me para lá com muito gosto, eu fui para lá com muito gosto, e quando lá cheguei é que fiquei de todo esmorecido com a chingaria que lá vi. O que é que eu lá vi? Ora! Jugoslávios, húngrios, espanhóis, franceses, ingleses, americanos, japoneses, — não te lembras mulher, com os olhos inchados, com mais carne em cima dos olhos?! — e turcos. Ai os turcos, uns porcos, tanto comiam batata crua, como comiam carne de gazela, uma carne preta que eu não sei o que era aquilo, mas remelgavam os olhos quando vissem a gente comendo carne de porco! O porco era o deus deles, diziam-me eles, disseram-mo muitas vezes! Por que é que era chingaria? Porque a gente não se entendia uns aos outros, cada qual falava a sua linguagem. Havia um que percebia melhor os alemães, e esse tipo que os percebia, fazia velhaquices à gente, e o mestre zangando-se com o pessoal sem que a gente pudesse explicar-lhe ou defender-se. É como lhe digo. Mas além disso, havia um bandido dum espanhol que era mestre, que em vez de nos ajudar, ainda nos encravava mais, porque muitas das vezes, entendia o que a gente estava querendo dizer e ainda mais nos deixava enrolar. Cães que eram os espanhóis todos! E também as espanholas! Má camaradagem no trabalho! falsos! Eram manhosos prós colegas, eram. Em três anos que lá estive a trabalhar, queria-me com as raças todas menos com a espanhola. Os estapores! A senhora desculpe, desculpe. Eu, há bocado, ia dizendo à senhora as horas tão mal passadas que eu passei naquela caruagem de ferro. A senhora admira-se de eu ter dito que já havia sangue no corredor do compartimento ao lado? Tivemos que amarrar a porta do nosso, na parte de dentro, com medo que eles viessem também embirrar com a gente. Bêbedos? Não senhora, arramaram isso porque andaram pra lá a roubar. Roubaram para lá uma carteira. Mesmo assim, nem sei como, ainda houve um momento que se amontou no com-

boio uma maldita duma espanhola gorda. Estávamos descuidados, pôs-se a dizer «frio! frio!», a encolher-se toda, mas a fazer comprida prás malas que iam por cima de nós. Veja lá, éramos oito na secção da caruagem, cada um com três ou quatro malas. Tinha ou não tinha ela sítio pra onde olhar? Não, ela não roubou, que a gente correu-a. A sala era pra oito, não era pra nove, e nós víamos o que ela queria. Pois claro, notámos que era ladra, o que ela estava era à espera que a gente se deixasse dormir. Antes da gente se deixar dormir, tivemos que a pôr fora. Deve ter ido fazer piquete pra outra sala do comboio e nunca mais demos por ela, mas não sei se a punhalaria que houve ao lado foi por causa dela, que a porta da nossa secção foi depois inda mais bem amarrada. A minha mulher só dizia «Manel, tu não saias daqui!» Eu, Deus me livre, não saía, que não estava para apanhar uma cacaizada na cabeça que ficasse estendido. Ai aquela viagem! Jesus! Tanta vez que eu disse lá na Alemanha «nunca mais uma viagem assim!» e foi por isso que na volta, viemos de avião, que se morrêssemos, mais valia ficarmos espetados numa árvore a dar de comer aos corvos. Era um abafão! Se tivéssemos essa pouca sorte! Na fronteira com a França, íamos a formar bicha pra irmos a buscar um leitito, e a bicha era a três e três. Onde havia dois casais não podia ficar o marido com a mulher, tinha que ficar uma pessoa do casal separada. Acontece que a nossa companheira que foi aqui do Porto Covo — sim, uma gente de cá — não queria ficar separada do marido, mas a intérprete espanhola — também, também era espanhola — obrigou a portuguesa a ficar separada do marido. Olhe, discutiram, nunca mais se calavam, não havia jeito de se pôr termo às palavras das duas. Nem as entendíamos, até que a de cá nos pareceu perguntar à outra onde estava o marido, ao que ela respondeu, julga a gente na maneira dela dizer, que fora de Portugal, o marido já não lhe pertencia. Disse-lhe ela: «Marido, marido, casa tua, aqui nô!» Era o pratinho lá na Alemanha. O que é que a gente quer?! Fartava-se a gente de rir por lhe dizermos que lá já ela não tinha direito sobre o homem. Muito se assaganhou com a espanhola! Ainda lá está, mais o marido, deram em gostar dos gadelhudos, são capazes de ficar por lá.

## «PASSEI JÁ TANTOS MARTÍRIOS»

O que sei dizer é que passei já tantos martírios, mas não consegui juntar um tostão na nossa terra, ao passo que, na Alemanha, dando a minha língua muda e os meus braços, consegui dinheiro pra comprar esta casa. A senhora já sabe que esta casa que é nossa? Já sabe? Ah! Disse-lhe a minha mulher! Pois desta conversa toda posso dizer-lhe que já tenho quarenta anos, e até aos trinta e seis não ajuntei nada em Portugal. Em criança, mesmo que quisesse uma saca pra me tapar, se a roubasse a eles, mesmo trabalhando todos os dias, eles jogavam arrulhos pra eu não a trazer. Não, eu mantas não tinha, que não havia dinheiro para as comprar. E éramos dez irmãos. E não tínhamos um bocado de terra pra semear nada. Ganhava o meu pai dezoito escudos por dia, comíamos batata doce. Que muitas das vezes, o que comíamos era só lapas apanhadas logo ali, à boca da praia, mesmo dessas mijonas, que a minha mãe não queria que as fôssemos apanhar lá para diante. Pois, gaiatagem! E ela, boa mãe, mesmo com tanta miséria, tinha medo que nos perdêssemos, que fôssemos lá para fora demais pràs rochas. A minha mãe! Mulher da monda, mulher da aceifa, mulher da cava do milho. Mulher de trabalho, mulher limpa, que se algum se lhe chegasse, levava lampada. Dezasseis filhos, todos do mesmo homem — mulher que não conheceu o paladar doutro. Quando me ponho a lembrar a nossa casa! Era mesmo ali, metida nas rochas, ao pé do porto. Era só uma casa, o repartimento que tinha era umas sacas feitas em parede. Dois repartimentos. Um onde a gente dormia mais ou meus pais, o outro onde a gente fazia a cozinha. Era muito escuro lá dentro. Quando se acendia o lume, era muito fumo e aquele cheiro a morraça. Era, era assim a nossa casa. Ai sorte! O que um homem padece desde que nasceu! A senhora gosta de ouvir. Conto, pois não conto! Eu bem vejo que a senhora gosta de saber! Passei muito! Passei mal! Ó mulher, deixa-me falar! O quê! Já lá vamos. Hei-de contar à senhora como comprei esta casa, e a quem comprei esta casa, mas só depois dela ouvir outros passos da minha vida, que alguns bem maus foram. Que dos sete anos aos trinta e seis não conseguiram os lavra-

dores encher-me a barriga, encheram-me o couro mas foi de trabalho, que eu andava bem desaturado. Olhe que não conseguir nunca juntar nada! Foi por Deus eu andar com tanto pedido, até que uns parentes nossos se lembraram de mim, além que também com o meu trabalho eu já lhes valera em Portugal. Frau, vai deitar a filha que já está dormindo. Daqui a pouco já vai da meia-noite para o dia, e já devíamos de estar deitados. A senhora está-se levantando? Deixe-se estar! A moça é que não está acostumada a estar de lerta! Que a verdade é que a gente se deita cedo. Pego a trabalhar às sete oi oito da manhã, é conforme a obra.

*(Das páginas 18 a 23)*

## «IA P'RA TERRA TRABALHAR PARA ELES...»

— Uma idade em que os filhos do lavrador inda mamavam, isto digo eu, quero dizer que eram muito mimosos. Apanhavam frio, sim, mas era com bastante roupa por cima para irem à escola. Algumas vezes os fui buscar e levar. Era em carroça puxada por uma besta. E conforme chegava, ia p'ra terra trabalhar para eles. Queda Mena, que o pai está a falar! A senhora está a ver esta varja até além onde estão aqueles bois? Dalém para cima inda é muito maior, aqui para baixo há outra que pega com o mar. Era tudo do mesmo. Assim como lhe digo, do mesmo. Aqui guardava eu os arrozais, que os pardais não comessem o arroz. Que des os sete anos que tenho sido estaforado pelos lavradores! Foi só trabalhar para diante, com um bordão sempre atrás de mim. Corria esta varja duma ponta à outra num quarto de hora, e olhe que tinha inda pra mais dum quilómetro! Eu, com um pau batia na lata para espantar os pássaros. E fazia com a boca «ah!... ah!... ah!...» Tinha dias em que nem «ah!» nem «uh!» fazia, que estava rouco, não dava falado. Era isto em Agosto, Setembro, que em Outubro já começa a ceifar-se o arroz. Quando já estava em molhos no alargamento, até que viesse prà eira para ser debulhado, inda eu o guardava. Às vezes, os meus pés chegavam a ser como um cabedal, com um dedo de grossura. E olhe que os escarafunchava muitas das vezes com uma pregadeira

para lhes tirar os cardos! É como lhe digo! E quando não andava a tirar os cardos, andava a encalhar por aquelas pedras, a descabeçar os dedos dos pés que ficavam sem unhas. Vinha uma a nascer, já se ia a outra embora. Os filhos dele, do lavrador, andavam com botas, bem calçados, e quando chegava o Inverno vestiam boas camisolas de lã, ao passo que eu andava com as calças deles tanto tempo que nem se conhecia o cós da primeira feitoria, que ele era só chapas. Chapas só, umas em cima das outras, de trapos velhos. Era a minha mãe que lhas punha, que as amanhava. Cala-te mulher! Eu não tenho vergonha de contar isto, eu não me importa, toda a gente pode ouvir! Não tenho medo! Agora já se pode falar alto! A senhora pergunte, pode perguntar que eu respondo, tenho quem me oiça. Até fico todo repatanado! Ui, Jesus! O que judiaram comigo! Faltava-lhes alguma coisa? Jogavam prò monturo o que deviam dar à gente, que lhes não ficava fazendo falta! E ainda lhe digo que prà gente ir ao trabalho, prà gente não falhar, tinham mais gosto em que passássemos fome para comparecermos mais vezes. Que ele a minha barriga andava mais cheia de verão porque havia uma figueira que eu pulava em cima dela e era encher até mais não! Nem sequer jogava para o chão os pèzinhos dos figos! Se não me davam de comer? Davam-me papas — meia tigela. Como éramos pequenos tinham medo que a gente tomasse muito buchada, e então andávamos sempre com os olhos a luzir que nos dessem mais. Depois de guardar a espiga do arroz fui semear milho atrás duma charrua puxada por bois. Eu é que punha o milho no rego e o filho do lavrador é que guiava os bois. Houve uma ocasião em que só num pé tinha três pisaduras, e enrolava uma saca com uns cordéis a servir de bota. Acabou-se a sementeira do milho nessa coirela, viémos com o gado e as charruas para o monte. Eu pertencia-me trazer o cesto, mas ele, pra judiar comigo, agarrava no cesto e na aguilhada e fazia eu atracar-me à charrua. Ladeira abaixo, eu com o pé coxo, e ele a picar os bois, e a dizer que se largasse a charrua me partia a espinha com a aguilhada. Deixa-me contar! Gaiatagem, mulher?! Não senhora! E, por mim, era medo, medo deles, que esses já eram homens! Os cães! Ainda hoje, se os vejo, não lhes falo!

### «ELE PENSAVA QUE ERA TERRA E SOL E MAR QUE ERA TUDO DELE...»

Mas foi no mesmo monte que vim a guardar porcos por conta do mesmo bandido burguês que devia de ser vivo — sim senhora, já morreu — e devia de ser vivo para ver o que está! Pois claro, como se está fazendo isto agora. Que ele pensava que era terra e sol e mar que era tudo dele. Era assim era. E chovesse que ventasse, de manhã ou à noite, se lhe deixasse fugir algum porco prò chiqueiro perguntava-me logo se me tinha deixado dormir. A senhora sabe o que é a canalha pra dormir! As mais das vezes tinha-me deixado dormir, sim, com a maldita saca molhada em cima de mim. Dormia no palheiro, eram as palhas que me enxugavam. Os filhos dele ficavam deitados e eu tinha que ir carregar a água para o monte antes do nascer do sol. A fonte ficava ali num corgo perto. Gastava-se, ir e vir, vinte e cinco minutos. Nas manhãs de geada nem sentia a pele dos pés, ficavam dormentes com o frio. No verão era bom tempo, mas as terras estão ásperas e no restolho ficava com as canelas todas escalavradas. Andava atrás dos porcos que comiam a espiga no restolho, e assim batia eu ali um mês para guardar vinte cinco escudinhos! Era um ordenadão não era? Mas lá para eles cuidariam que era. Eles que nas horas boas de calor estavam metidos em casa ou naquelas sombras! Como pode um homem ter pena deles se isto mudar, se eles só tiveram do bom e eu só tive azedas! Só azedavam a alma da gente!»

(Das páginas 60 a 63)

*E agora, no fim de lerem, uma vez que «já se pode falar alto...», atrevemo-nos a sugerir aos nossos amigos emigrantes que nos escrevam a contar algumas coisas:*

— *Sobre a vida do emigrante em país estrangeiro. A sua experiência, os sofrimentos, os «trabalhos» por que se passa.*

— *A sua vida na aldeia, na vila, antes de abalar; as razões que o levaram a deixar a sua terra.*

— *E uma última pergunta: hoje, se pudesse, voltava para Portugal?*

# pelas nossas terras



## COVILHÃ

### O VI ENCONTRO DE COROS DO NORTE

Por iniciativa do Orfeão de Vila Praia de Âncora, vai realizar-se o VI Encontro de Coros do Norte do País. A iniciativa deste ano terá lugar na cidade da Covilhã, constituindo, a todos os títulos, uma já tradicional jornada de convívio e amizade.

No Encontro participarão 24 agrupamentos corais, o que perfaz o maior conjunto de sempre. Durante dois dias — 12 e 13 de Junho — 1500 coralistas, aproximadamente, irão levar a cabo um ressurgimento da música, e canções populares na cidade serana.

Do programa fazem parte diversas actividades a todos os títulos inéditas, entre as quais salientamos, a do dia 12: os 24 coros presentes espalhar-se-ão por toda a região serrana, não havendo a mais remota aldeia que naquela tarde do citado dia, no adro da Igreja ou junto ao cruzeiro da sua terra, não deixe de beneficiar de um pequeno concerto realizado por cada grupo coral.

Segundo já foi comunicado à imprensa, os grupos corais a actuarem serão os seguintes: Orfeão de Matosinhos, Coral do Círculo Católico de Vila do Conde, Orfeão de Vila Praia de Âncora, Coral Polifónico de Viana do Castelo, Orfeão de Esmoriz, Orfeão de Ovar, Coral Vera Cruz, Orfeão da Coelima, Coral Azurém, Coral de Sornelos, Coral da Juventude Católica do Porto, Triângulo Verde, Orfeão da Madalena, Orfeão de Valadares, Coral do Grupo Desportivo de S. Caetano, Orfeão do Porto, Coral dos CTT, Coral da Faculdade de Letras, Orfeão Famalicense, Orfeão de Barcelos, Orfeão de Vagos, Orfeão da Covilhã, Orfeão de Viseu e Orfeão da Guarda.

Do programa deste VI Encontro de Coros do Norte, consta a interpretação, por cada grupo, de 24 horas, tantas quantos os grupos, cada uma com a duração de 3 minutos.

## TORRES VEDRAS

### ASSOCIAÇÃO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

**Soldados da Paz**, lhes chamou o Povo. Amigos e defensores dos bens calamidades naturais, seja nos destruidores incêndios. O bombeiro português está sempre pronto, 24 horas sobre 24 horas, a ser um voluntário da solidariedade humana. Para ele não existem horas para o socorro, para a entreatjada. Ei-lo alerta! Ei-lo pronto a dizer presente!

A sua epopeia, nem sempre é divulgada com o relevo que merece. A epopeia simples que, no ano passado, ele escreveu com suor e trabalho, quando dos criminosos incêndios a florestas e matas nacionais, está ainda por relatar. Não obstante damos, a título de exemplo, uma pequena estatística local dos **Bombeiros Voluntários de Torres Vedras**:

Ano de 1975

#### Serviços prestados:

- 106 incêndios.
- 8 orrências diversas.
- 2235 Conduções em auto-macas, das quais 743 foram gratuitas.
- 783 bombeiros escalados para piquetes a casas de espectáculos.

Estes serviços tiveram a duração de 6137 horas. Foram percorridos, pelas viaturas, 124 170 kms. Consumiram-se 22 983 litros de combustíveis.

## PONTA DELGADA

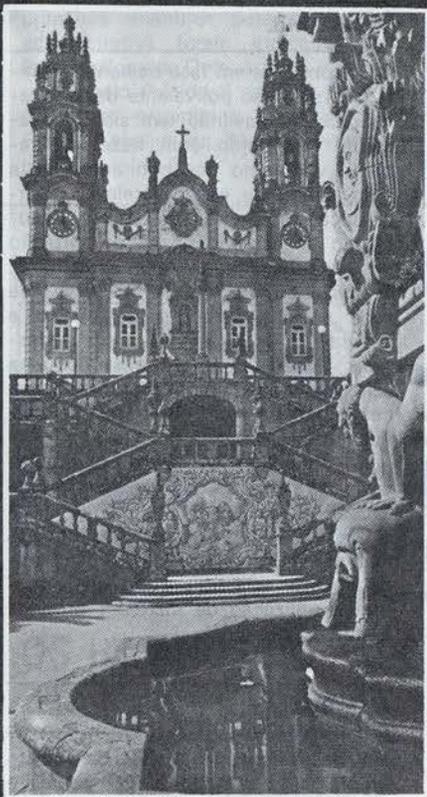
### OS 430 ANOS DA CIDADE

Segundo o primeiro documento oficial que se conhece, a Carta Régia de 2 de Julho de 1439, foi nesta data que se iniciou o povoamento dos Açores. A sua história e tradições, a sua marcante influência na realidade cultural e política de Portugal continental, através de figuras como Ávila e Bolama, Sena Freitas, Antero de Quental, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga e tantos outros, bastariam para testemunhar do interesse de que se reveste a data da passagem a cidade de Ponta Delgada (1546). Berço dos liberais durante a guerra civil contra o absolutismo de D. Miguel; berço dos primeiros prenúncios do ideal democrático. Mas também berço da derradeira resistência contra o invasor castelhano no ano de 1582.

Ponta Delgada viveu do mar e, entre todas as suas ignoradas odisseias, figura a pesca da baleia iniciada no século XVIII, onde o homem abriu sulcos de abnegação e de ténpera de aço, na luta pelo seu pão diário.

Carregada de história que cada monumento nos testemunha, ao percorrer a cidade, Ponta Delgada é bem um pedaço vivo de Portugal plantado no Atlântico. Há poucas décadas os monumentos nacionais e a fisionomia da cidade viveram uma alegre transparência. A muralha do porto consolidou-se, uma ampla avenida passou a estreitar uma parte considerável do seu litoral; recentes construções, com a frente para o mar vieram dar-lhe uma feição simpática e arejada; rasgaram-se artérias novas, cresceram os bairros e limpam-se preciosas fachadas de edifícios dos séculos XVII e XVIII.

# LAMEGO: 800 ANOS DE HISTÓRIA



A diocese de Lamego celebra este ano um triplo centenário: a sua fundação em 572, a restauração em 1176 e sagração da sua Sé Catedral em 1776.

Berço também da nacionalidade portuguesa, ligada por isso à história da formação de Portugal, Lamego e a sua diocese, desempenharam um papel importante na organização social e económica, dos alvares do nosso nascimento enquanto que nação independente. Nessa época remota, o governo de Portugal que, por morte de D. Henrique, iria parar à coroa leonesa, viu cimentarem-se à sua volta, os desejos de autonomia dos prelados portugueses que pretendiam agrupar as suas dioceses em torno de Braga, contribuindo assim para alicerçarem o corpo social e o ideal cristão que serviu como bandeira máxima, política e social, ao primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques.

Nas datas que se comemoram destaque importante cabe à figura de D. Mendo, primeiro bispo de Lamego e obreiro da Sé Catedral desta cidade, da qual ficou, até aos nossos dias, a torre principal em granito.

Berço de um afluir constante de cruzados e de buliçosa vida política, nos primeiros tempos de Portugal, a velha Lamego, relembra hoje um pouco da sua ancestral história, dos tempos em que uma expedição de cruzados dos países do norte da Europa, aportando à cidade, no ano de 1147, a caminho da Terra Santa, foram solicitados por Afonso Henriques a participarem na conquista de Lisboa, pondo estes como condição, assim era hábito, levarem como reféns, como garantia, os bispos de Braga, Porto, Viseu e Lamego, até que a empresa, saldando-se por uma vitória, os obrigaria à devolução dos ilustres reféns. Assim o bispo D. Mendo, participa, involuntariamente, na conquista de Lisboa, regressando mais tarde à sua diocese.

«Lamego — a castreja e romana Lameca, depois fortaleza suévico-visigótica, depois castelo mourisco finalmente reavido pela espada cristã de Fernando Magno — há 800 anos transbordava para aquém-Coura... Para se alcandorar mais alto, para surgir como baluarte mais altaneiro do novo reino Portugalense. Transbordava para aquém-Coura e espraia-se por este rossiço, até à capela-colegiada de S. Sebastião.

Foi então que, aí, D. Mendo mandou erigir a sua catedral — a nova Sé lamacense — de que hoje persiste a veneranda torre, mole granítica a desafiar o desgaste dos séculos.» De «A Voz de Lamego», 15-4-76.

A cidade e a actual diocese irão marcar as comemorações centenárias, com especial sentido, imprimindo às realizações o cunho patriótico e significado histórico de que elas se revestem.

A Ponta Delgada dos torreões, de velhas casas e vielas, se não desapareceu com a modernização progressiva que foi sofrendo, ficou porém mais enriquecida, apresentando hoje um ar cosmopolita de mistura com o recato do velho burgo de antanho.

Cidade de jardins, autênticos museus botânicos. Ponta Delgada e os seus 430 anos de cidade pesam na nossa história, mas apontam com segurança o desenvolvimento e o progresso que lhes são devidos.

## PENACOVA

### Um gestor para a Câmara Municipal

Como é do conhecimento geral, desde Agosto de 1975 que se encontrava demissionária a Comissão Administrativa da nossa Câmara, considerando certos actos irreflectidos praticados por alguns elementos da população. Todavia a Comissão Administrativa manteve-se no seu lugar e

em Abril deste ano a mesma Comissão largou o mandato por terem pedido colectivamente a demissão.

Atendendo ao momento político e ao pouco tempo que falta para a realização das eleições para as Câmaras, tornava-se difícil conseguir uma nova Comissão Administrativa que dirigisse os destinos municipais nos próximos quatro meses. Uma única saída se impunha: a nomeação de um gestor capaz, de agrado das populações e com pleno acordo dos partidos polí-

ticos; parecia no entanto quase que impossível encontrar-se esse elemento que agradasse a gregos e troianos. Como, porém, para tudo nesta vida há remédio, eis que surge um nome que, desde logo, mereceu o aplauso de todos: da população, dos partidos, do Governo e do exército! Era o nosso querido amigo José Alberto Costa, 1.º sargento de infantaria e que em Penacova tem dado o melhor do seu esforço, saber e dedicação aos Bombeiros Voluntários de Penacova. Aceitaria ele tão espinhoso cargo? Homem simples, do povo e muito honesto, talvez não aceitasse e, na realidade, procurou escusar-se apontando mil e uma razões. Porém, depois de muito instado e sendo indivíduo sempre pronto a dar o seu melhor a bem do País, militar irrepreensível, acabou por aceitar e a população penacovense congratulou-se com o facto: estava garantida a continuidade da obra municipal, iniciada pela Comissão Administrativa cessante e que neste jornal foi bem demonstrada.

Assim, no passado dia 24 de Abril, deu início às suas funções de GESTOR MUNICIPAL o nosso bom amigo José Alberto Costa. Daqui lhe endereçamos as nossas felicitações e fazemos sinceros votos pelos melhores e amplos êxitos no desempenho dessa espinhosa missão e desde já colocamos à sua disposição as colunas deste jornal para através delas fazer as comunicações que julgar oportunas às populações do Concelho. Sabemos que o novo gestor está rodeado de pessoal capaz, todos desejosos de o auxiliar; estamos certos que o trabalho irá ser profícuo e que José Alberto não irá desmerecer a confiança unânime nele depositada. Congratulamo-nos com esta nomeação que prova afinal que na hora da verdade e de boa reflexão, todos unidos podem levar avante algo de valor comum: foi o caso dos partidos políticos que rivais no campo político, souberam esquecer as suas questões e na hora grave escolher conjuntamente a pessoa certa para com justiça dirigir os destinos municipais de Penacova.

Aproveitando a oportunidade, fazemos um voto: que igualmente como aconteceu com a escolha deste gestor, que os partidos, o povo e o exército saibam escolher na hora certa o Presidente da República certo que com justiça e agrado de todos possa governar este País nos momentos conturbados em que vivemos, tornando-o um País digno do maior respeito no Mundo.

(«Notícias de Penacova»  
7-5-76)

## GONDOMAR

### Problemas do Ensino

Desde há vários anos que o concelho de Gondomar tem estado votado ao esquecimento em todas as realizações, mas muito especialmente no campo do ensino.

Tem-se, neste aspecto, procurado deitar remendos, aqui e ali, mas sem soluções eficazes.

Assim, os problemas avolumam-se e não vemos da parte das entidades competentes vontade e capacidade para os resolver.

Todos sabem, mas «fingem» não saber, que a única escola secundária existente no concelho vem, ano após ano, atingindo os limites possíveis da sua capacidade. Os responsáveis por este estabelecimento de ensino têm arranjado soluções de emergência que neste momento esgotaram a sua forma de dar admissão a mais alunos, pois a Escola Industrial e Comercial está com uma frequência de 2380 alunos, quando a sua capacidade normal seria de 1000 alunos.

Perante tal perspectiva os responsáveis já alertaram a Câmara Municipal instando junto desta para, em comum, tentarem uma solução. Mas... a solução continua por aparecer, dando-nos a impressão de que o Município não está nada interessado em resolver tal problema. Assim sendo, a perspectiva que se avizinha a passos largos é o aumento de centenas de alunos no próximo ano lectivo sem possibilidade de matrícula e, assim, terão de procurar lugar em Escolas do Porto que, por sua vez, também estão superlotadas.

Este é o problema que se põe a Gondomar.

No entanto, parece que para o futuro se projectam soluções que a ninguém interessam. Assim, pensa-se numa escola secundária para S. Pedro da Cova.

Não pretendemos saber qual terá sido o peregrino de tal ideia, mas podemos afirmar que tal solução só poderá ter saído da cabeça de alguém que não tem a mínima noção das frequências escolares do concelho, de contrário teria a certeza que não a realizaria em S. Pedro da Cova mas noutro local que servisse outras populações escolares.

Também consta que se projecta para Rio Tinto, a longo prazo, uma outra escola secundária. Igualmente

aqui se cometerá um erro gravíssimo, pois pensa-se situá-la no extremo da freguesia, já muito próximo da Escola de Águas Santas.

Pergunta-se: a quem interessam estas soluções? Não haverá processo de pôr termo a soluções deste e doutro tipo que em nada abonam os responsáveis e só prejudicam os municípios?

Parece-nos que já é tempo de acabar com o «quero, posso e mando» e dialogar com os municípios, tentando arranjar soluções que satisfaçam as maiorias e não as minorias...

(«O Comércio de Gondomar»  
3-5-76)

## CONTUMIL

Encontra-se em fase bastante adiantada o pavilhão polivalente desta localidade. Este pavilhão tem sido inteiramente construído com base no trabalho voluntário dos habitantes desta área, sendo de especial relevo a participação que tem prestado a Associação de Moradores, na organização das jornadas de trabalho voluntário. O pavilhão destina-se a servir de sede social, creche, posto clínico e actividades culturais. Há ainda a destacar a construção de uma pequena sala de convívio para pessoas da terceira idade e dois conjuntos de banheiros públicos.

A concretização desta obra, iniciada há cerca de dois meses, deve-se à circunstância da Junta de Freguesia e Câmara Municipal terem empenhado nela também, os seus esforços, particularmente esta última, no que constituiu a utilização de materiais próprios à construção civil.

## AVEIRO

A comissão administrativa da Câmara Municipal, de modo a dar relevo e dignidade à celebração da **revolução liberal de 1828** — data que coincide com o aniversário de Aveiro, a 16 de Maio — nomeou entre os seus componentes uma comissão para elaborar o programa das festas que assinalam o dia, considerado feriado municipal.

## VIANA DO CASTELO

Em edifício da Praça da República, nesta cidade, será inaugurada, em breve, uma cantina pública para fornecimento de refeições a preços módicos. A iniciativa tem despertado jus-

tificado interesse por parte da população local, predominantemente das suas classes trabalhadoras.

### PÓVOA DE LANHOSO

No Governo Civil do distrito foi empossada a nova comissão administrativa da Câmara Municipal deste concelho. A comissão administrativa passa a ser constituída pelos srs.: Amândio Santa Cruz Domingues Basto Oliveira, presidente; Eduardo Artur de Carvalho Baptista Vieira, João António Gomes Vieira de Magalhães, Acácio Lopes de Macedo e António Luís Gomes de Carvalho, vogais. Os três primeiros membros para a comissão administrativa foram indicados pelo Partido Popular Democrático e os restantes pelo Partido Socialista. Ao acto de posse presidiu o sr. engenheiro Eurico Teixeira de Melo, governador civil.

### AÇORES (Pico)

Iniciaram-se os trabalhos preliminares da construção de uma pista de aterragem para aviões, nos terrenos situados entre as Bandeiras e Santa Luzia. A pista, que em princípio seria apenas de 800 metros, projecta-se agora para 1300, empregando-se nesta fase diversa maquinaria militar que se encontra ao serviço nesta ilha. Do interesse suscitado, provam-no os habitantes da ilha, pois que vêm nesta obra uma das muitas urgentes necessidades a encetar, para o desenvolvimento regional, ao qual se soma, a breve trecho, o concurso público para os trabalhos dos portos do Pico. Ao mesmo tempo anuncia-se, também para breve, o início das obras de asfaltagem da Estrada Transversal do Pico, num percurso de 20 quilómetros entre Sil-

veira e S. Roque, tendo a empreitada sido adjudicada por uma firma de Angra do Heroísmo.

### BENFEITA

Pelo Instituto de Reorganização Agrária (IRA), foi concedido à Junta de Freguesia desta localidade, e conforme seu pedido, a verba de 378 contos para abertura e alargamento de estradas e caminhos rurais em todas as povoações, segundo um plano previamente elaborado e aprovado. Nos referidos trabalhos serão utilizadas diversas máquinas do Estado, encontrando-se, neste momento, em fase avançada as estradas nas encostas da Ramalhosa, Dreia e Deflores. Facto relevante a salientar é a recepção que os proprietários dos terrenos atravessados pelos novos caminhos, mesmo sem benefício para as referidas obras.

## O MAIS ANTIGO JORNAL PORTUGUÊS



### OS 142 ANOS DO "AÇORIANO ORIENTAL"

Nas dispersas e multifacetadas províncias portuguesas existem elos de ligação nacional que muitas das vezes, ora são esquecidos, ora são minimizados os seus reais esforços na elaboração da consciência cívica e humanística do Povo português. Esses elos de ligação são os **jornais regionais!**

Quantas vezes menosprezados, pelo ar falsamente cosmopolita dos grandes periódicos nacionais que Lisboa ou Porto dão à luz, com a mesma disparidade com que olham sobre o ombro o provinciano confundido no trânsito das suas avenidas do suicídio automóvel?!

Os JORNAIS REGIONAIS são fruto de gerações, ferramenta de recolha de história e tradições regionais que nos vêm de muito longe, neles, por assim dizer, se podem aglomerar aspirações

populares de velha data, reivindicações simples, mas urgentes, da luz eléctrica que falta, da estrada que não existe, do folclore que se prdeu ou vai desaparecendo. Neles toma vida a figura ideal de um médico de aldeia que «dava consultas gratuitas» aos mais desprotegidos pela sociedade, a vida atribulada de um democrata de velha data que se soube fazer respeitar e amar pela população local. Nos JORNAIS REGIONAIS registam-se as mortes e os casamentos de comunidades inteiras, a partida dos que emigram com amargos de boca e uma segura de voz, num protesto sem eco, por se verem obrigados a abandonar o solo pátrio. Ah! Os JORNAIS REGIONAIS! Neles escreveu Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Ferreira de Castro e tantos outros: só

os peralvinhos de pacotilha, os cosmopolitas de duas ou três viagens organizadas pelas Agências de Lisboa ou Porto, os pretendem ignorar.

O «AÇORIANO ORIENTAL» é um destes pilares de uma comunidade inteira! É que pilar! Fundado em 18 de Abril de 1835, nasceu logo para a defesa da Constituição, do liberalismo, contra o absolutismo miguelista, contra as forças que então pretendiam cortar o passo a essa aspiração democrática que abalou os Açores e abalou Portugal, como lufada de ar fresco.

O «AÇORIANO ORIENTAL» conta pois 142 anos de vida: é o jornal mais velho de Portugal que ainda se publica. É quase uma instituição, um monumento aos ignorados colonistas e jornalistas sem-nome que, de norte a sul, espalham prosa pelo País, mas prosa simples, escurreita, daquela que trata de coisas simples, sentidas; coisas que as populações lhes pedem, lhes exigem que escrevam.

Do seu editorial destacamos as seguintes palavras:

«...Não queremos um «Açoriano Oriental» que seja repetição da imprensa diária, como não queremos que este mais velho periódico português seja um repositório de textos puramente intelectuais, lavrados em estilo solene e arcaico... Mas foi sempre tribuna, donde foram versadas com desassombro as grandes apirações desta parcela bem personalizada do Povo Português, que habita os Açores».



# livros

## ● FICÇÃO AFRICANA DE HOJE

— Manuel de Seabra — Editorial Futura

Volume «gêmeo» da Antologia da Poesia Africana de Hoje, este livro revela-nos uma África tomando consciência de si e procurando a universalidade de que estava despojada. Muito embora não inclua o autor negro de expressão portuguesa — que o autor entende dever merecer estudo individualizado — esta obra dá-nos um amplo panorama da ficção africana em toda a sua diversidade de conflitos de ordem social e cultural.

## ● HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE

— V. Diakov/S. Kovalev — Editorial Estampa

Numa perspectiva de luta de classes e à luz das teorias marxistas da interpretação dos dados históricos, V. Diakov e S. Kovalev assinam esta obra em 3 volumes que lança as bases para uma nova forma de análise das sociedades primitivas e seus regimes comunitários, sobre cujas ruínas se constituiu — segundo os autores — a sociedade dividida em classes.

## ● OS MANDARINS — Simone de Beauvoir — Livraria Bertrand

Considerado um romance autobiográfico, trata-se contudo de uma obra que para além do seu valor literário, é fundamental para o conhecimento dos problemas e das opções fundamentais dos anos 45 a 50, numa Europa destruída pela guerra e onde tudo parecia possível àqueles que, ainda não divididos pelos grandes cismas dos anos seguintes, queriam, juntos, modificar o mundo. Importante também para nós pois se baseia na história de um grupo que sonhava derrubar Salazar e criar uma Frente Nacional análoga à que se tinha reconstituído em França.

## ● TORNAR-SE PESSOA — Carl R. Rogers — Moraes Editores

A ciência psicológica, apesar da sua falta de maturidade e de tudo

quanto necessita que se lhe retire, desenvolveu-se grandemente nos últimos decênios. A psicologia, preocupada de início com observar e medir, evoluiu a pouco e pouco até se tornar numa das condições e dos efeitos. A larga experiência do autor (psicoterapeuta durante 33 anos) permite-lhe falar das consequências de alguns destes progressos, ao mesmo tempo que em linguagem acessível e tendo como base experiência pessoais, nos coloca frontalmente perante os grandes problemas da inserção do indivíduo na sociedade.

## ● A AGONIA DO FRANQUISMO

— Andoni Ugarana Larrun — Editorial Notícias

Mais um importante documento para o extenso processo que julgará a ditadura franquista. Bem documentada, esta obra pretende sobretudo registar para a opinião pública as injustiças mais flagrantes do actual regime espanhol, cada dia mais próximo de uma encruzilhada de imprevisíveis consequências.

## ● O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO E OUTROS POEMAS

— Vinicius de Moraes — Publicações D. Quixote

Autor e Obra dispensam apresentação. Mas nunca é demais assinalar a presença deste grande poeta brasileiro, cujos trabalhos se caracterizam por uma cada vez maior consciencialização/integração da poesia nos problemas sociais do seu povo, abordando os conflitos numa perspectiva realista e de combate.

## ● O DESPORTO E AS ESTRUTURAS SOCIAIS — José Esteves — Prelo Editora

O desporto numa perspectiva social, analisado nas suas múltiplas implicações, subordinando o tema a um conceito básico, modificação das estruturas com vista a destruir o lema da «competição» em favor do «espectáculo», dando-lhe simples valores visuais ou

artísticos, generalizando a sua prática às massas populacionais como processo de valorização física, higiénica, recreativa e educativa. A esta edição (a 3.ª), o autor acrescentou dois novos capítulos: «Hitler e os Jogos Olímpicos» e «Salazar e o Desporto».

## ● A COMUNIDADE INTERNACIONAL — F. Luso Soares

— F. Luso Soares — Diabril Editora

Na sequência da sua Introdução à Política, o autor aborda aqui as relações entre as nações e os povos, analisando-os histórica e politicamente. Um trabalho de interesse geral, inédito entre nós.

## ● A OUTRA HISTÓRIA DE JESUS — Donovan Joyce — Editores Liber

Fruto de 8 anos de pesquisas para tentar esclarecer uma estranha experiência do autor em Israel, no ano de 1964, eis um conjunto de inquietantes revelações sobre o Cristianismo. Um documento que segundo as suas próprias palavras «torna absurda qualquer afirmação de que a Ascensão foi um facto histórico». Perturbante é certo, mas com demasiadas reticências.

## ● A EVOLUÇÃO DO SISTEMA CORPORATIVO PORTUGUÊS

— I. O Salazarismo — Manuel de Lucena — Editora Perspectivas & Realidades

Possivelmente o primeiro estudo, em profundidade, da matéria, esta obra, escrita em 1971 descreve e analisa a evolução do regime de posto em 25 de Abril de 74, mediante uma atenta comparação com a Itália de Mussolini e com a Alemanha nazi. Neste primeiro volume encontrará o leitor uma minuciosa descrição das principais instituições e mecanismos político-sociais do «Estado Novo», seguidos na sua evolução até ao princípio da década de 60. O segundo volume — O Marcelismo — tratará das modificações ocorridas nos últimos anos do regime.

## ● ANTOLOGIA TEMÁTICA DE POESIA AFRICANA

— Mário de Andrade — Sá da Costa, Editora

A poesia africana de escrita portuguesa e crioula, sob o condicionamento da dominação colonialista, articula-se intimamente ao movimento de libertação nacional. O primeiro tomo de uma antologia que privilegia os temas, mas considera também as particularidades geográficas e a ordem cronológica.

## ● ROMANCE DA LUA — Pierre Kohler — Parceria A. M. Pereira

Crónica, por vezes divertida, por vezes trágica, do nosso satélite: a sua história desde há mais de 4700 milhões de anos, o estudo da sua influência nas civilizações humanas, o «dossier» de tudo o que se sabe actualmente sobre o astro da noite, ao mesmo tempo um livro de aventuras, descrevendo a longa caminhada desde há cinco mil anos que levou os homens ao satélite da Terra para desvendarem os mistérios desse globo fascinante.

## ● A TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO — Charles Bettelheim / Paul Sweezy — Edições 70

Os problemas dos países que ocupam uma posição intermédia entre o capitalismo e o socialismo figuram indubitavelmente entre os mais importantes do mundo moderno. Não obstante as proveniências diversas e terem sido escritos em diferentes oportunidades, os textos deste volume conservam uma unidade: abordam a tentativa de criação de uma nova sociedade após ter sido derrubado após ter sido derrubado e destruído o velho poder governamental. Aspecto crucial de toda a discussão é a possibilidade de que as políticas adoptadas pelos governos sob a pressão das dificuldades económicas e políticas resultem na criação de um novo capitalismo com formas de Estado.

● **HISTÓRIA DOS ETRUSCOS**  
— **Werner Keller** — Publicações  
Europa-América

Nenhum outro povo da Europa tem sido tratado com tão pouco interesse como o Etrusco. O seu espólio, mais do que qualquer outro, tem vindo a ser sistematicamente destruído, como se a posteridade tivesse jurado a si própria extinguir todo o vestígio de lembrança de uma nação que outrora, com a sua acção pioneira, escreveu um grande capítulo na história do Ocidente. Tudo isto faz que a civilização etrusca se nos apresente como um mundo

fascinante a descobrir.

● **OS BASTARDOS DAS PÁTRIAS** — **L. Rodrigues** — Edição do autor

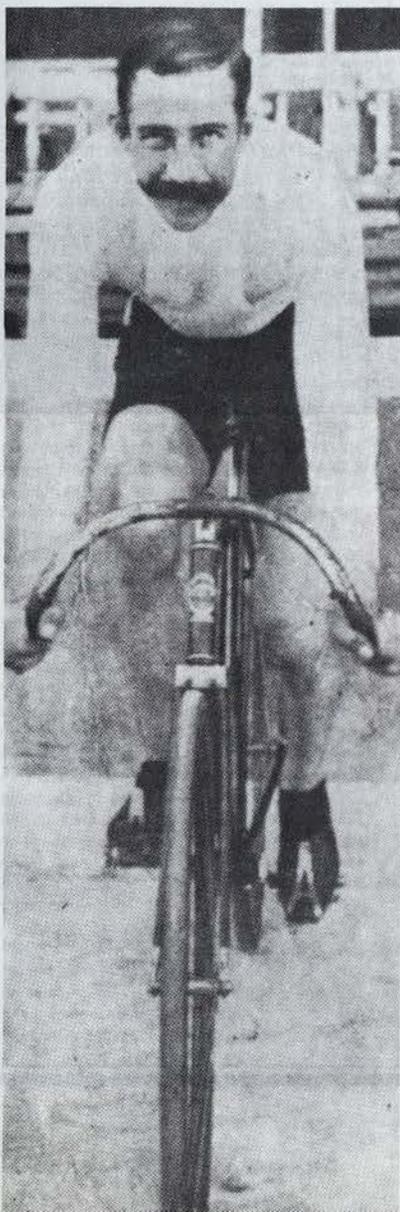
Muito embora ainda não consagrada nas «correntes literárias», elementos diversos dão-nos conta da existência de uma «literatura emigrante» — ou, com mais rigor, de um «espaço cultural» radicado na emigração, fruto de uma vivência própria, dispersa pelo mundo, e ignorada por muitos de nós. Oportunamente tentaremos aprofundar o tema. Entretanto, registamos mais um desses elementos:

trata-se de «Os Bastardos das Pátrias», da autoria de L. Rodrigues, emigrante português no Canadá. Sem pretensões literárias, pode no entanto considerar-se uma obra de intervenção pelo relato fiel que nos oferece das condições de vida dos emigrantes naquele país.

● **PORTUGAL DEPOIS DE ABRIL** — **Avelino Rodrigues/Cesário Borge/Mário Cardoso** — Editor: António dos Reis

Depois de «O Movimento dos Capitães e o 25 de Abril», reconhecido como o trabalho mais completo sobre as origens do MFA e

as operações militares que derrubam o regime, os autores (jornalistas profissionais) revelam neste importante documento os factos que explicam os avanços e recuos do processo revolucionário português. A apresentação panorâmica de acontecimentos dispersos e esquecidos e a revelação de muitos outros completamente desconhecidos — alguns dos quais tão surpreendentes como incómodos — constituem a essência deste livro, fruto de um trabalho de equipa de três jornalistas presentes no processo de 25 de Abril desde a primeira hora.



## figuras que foram uma época

### JOSÉ BENTO PESSOA

#### O MAIOR CICLISTA DO MUNDO E ERA PORTUGUÊS!...

Nesta rubrica procuraremos dar a conhecer ao leitor uma época da vida quotidiana nacional, através duma figura popular do seu tempo. Muitas épocas da nossa mais próxima história chegam até nós, mais pelas figuras dos personagens que as eternizaram, do que através da narrativa dispersa de acontecimentos. Figuras portuguesas de diversos ramos da vida nacional, científica, política, artística ou desportiva conseguiram, pelos «feitos que realizaram», pelas inovações que propuseram, ou pelo humanismo de que foram capazes, impor aos vindouros a sua época... Quem são estas figuras? Quantas desconhecidas?... Escritores, músicos, cientistas, homens do desporto, políticos ou pensadores, populares no seu tempo, muitos não só pela fama que tiveram, também por condição de nascimento, porque oriundos das camadas populares do nosso povo trabalhador.

Porque está na ordem do dia a «volta a Espanha» em bicicleta, lembramos José Bento Pessoa, aquele que foi o maior ciclista do mundo, pela pena do escritor e seu biógrafo Romeu Correia...

Este nome de José Bento Pessoa glória foi conquistada em provas de muito pouco diz ao homem comum velocidade. No entanto, começou a sua (e não comum) dos nossos dias. época áurea por vencer o 1.º Campeo-

Nasceu na Figueira da Foz em 7 de maio de Espanha, em estrada, nos 100 Março de 1874, e foi o melhor ciclista do quilómetros de Ávila. (Aqui convém Mundo, de Abril de 1897 a Maio de esclarecer o seguinte: a União Veloci- 1898. É preciso acrescentar que a sua pédica Portuguesa foi fundada em 14

de Dezembro de 1899. Antes era a União Velocipédica Espanhola que controlava os dois povos peninsulares. Esclarecido?). Este grande ciclista esteve depois presente na inauguração do Velódromo de Chamartin, em Madrid. Inscreveu-se na prova de 500 metros e... bateu o recorde do Mundo da distância, que pertencia ao fabuloso ciclista francês Jacquelin, realizando o tempo de 33 segundos e 1-5. O gaulês tinha 34 segundos e 3-5 como mínimo mundial. Nesse ano, José Bento Pessoa disputou mais 66 provas em terras de Espanha, e... venceu-as todas. Mas não será de mais acentuar, venceu-as contra a fina-flor do velocipedismo europeu. Bateu franceses, alemães e ingleses. (Não será este feito o maior do desporto português?). Mas há mais e melhor: em Janeiro do ano seguinte, o figueirense foi contratado pela casa francesa *Phoebus*, como *sprinter* privado. E venceu muitas provas no Parc des Princes, em Paris. Em Abril, dá um salto a Genebra e derrota o campeão suíço Champion. Na semana seguinte viaja a Turim, na Itália, mas adocece. Em 8 de Maio disputa em Berlim a prova mais importante da Europa — Grande Prémio Zimmerman — correndo contra o campeão mundial Arend, e ainda mais três ciclistas germânicos de nomeada. Bento Pessoa venceu esta prova com facilidade incrível, apossando-se de uma cobiçada medalha de ouro e de 8000 marcos, quantia que hoje deve rondar os 700 contos.

Em Julho de 1898 regressa à terra natal, sofrendo de saudade. Uma vez restabelecido, volta à pista, compe-

tindo, de quando em quando, em provas nacionais. Retirou-se em 1901. Mas quatro anos depois, volta ainda para o grande adeus. E vence italianos, franceses e espanhóis, que vieram até cá em busca de prémios fáceis. Em Setembro desse ano de 1905, navegou até ao Brasil. Viagem triunfal em que fez baquear todos os amadores e pro-

fissionais brasileiros, e ainda o campeão da Argentina. Trouxe 16 contos fortes. Uma pequena fortuna. E estabeleceu-se na Figueira da Foz. Ainda utilizava a bicicleta quando faleceu aos 80 anos.

Romeu Correia

## Quem é Romeu Correia?

*Romeu Correia nasceu em 17 de Novembro de 1917, em Almada. A sua vida e obra, são um produto directo do movimento popular do concelho de Almada. Ainda jovem, apaixonou-se pelo desporto ao qual dedicou a sua atribulada juventude. Filho de modesta família, aos 12 anos de idade viu-se obrigado a ganhar o seu próprio sustento. Trabalhou nas mais variadas profissões: operário numa doca para reparação de navios, empregado numa loja de artigos eléctricos, ainda noutra de acessórios de automóveis, e, por fim, cobrador de um banco. É pois desta vida directa com as mais variadas profissões e atribuições, que a sua carreira de desportista, romancista,*

*dramaturgo, contista e, nalgum espaço de tempo mais livre, jornalista, que a sua obra recolhe a autenticidade e humanismo próprio.*

*Romeu Correia é um caso singular entre os escritores portugueses: não se considera a si mesmo escritor, outrossim um narrador de histórias e, quantas delas, verdadeiras!*

*Das suas obras salientamos: SÁBADO SEM SOL — contos (1947), apreendido então pela PIDE. TRAPO AZUL — romance (1948). DESPORTO - REI — romance (1955). BOCAGE — teatro (1965). O CRAVO ESPANHOL — teatro (1969). JOSÉ BENTO PESSOA — biografia.*

# TEMPO LIVRE

Cada mês tem seus usos. E em cada mês se fazem determinados trabalhos agrícolas. A cada mês guarda o povo suas tradições —, que umas vezes são apenas singelos costumes, e outras belos festejos a que não falta nem alegria nem pitoresco.

Junho. Desde 1 até 21 continuam os dias a crescer. Mas de 17 a 25 de Junho a duração do dia é mais ou menos a mesma. Daí os antigos dizerem, em latim: «Sol stat»: o Sol pára. Não pára, mas parece. Desse dizer é que veio a palavra portuguesa «solstício», que significa: Tempo em que o Sol, tendo-se afastado o mais possível do Equador, parece estacionário durante alguns dias, antes de começar a aproximar-se novamente do Equador. Pois, de 17 a 25 de Junho dura o solstício de Verão.

É de uso muito antigo fazerem-se festas nesta quadra do ano. A maior parte dos povos conserva tais festejos. Provêm da alegria que a Humanidade sempre sente ao receber a luz e o calor do Sol, os quais vêm beneficiar e amadurecer os produtos da Terra.

Assim, entre nós, se acendem as fogueiras de Santo António, São João e São Pedro. Belas fogueiras em que ardem pinhas e alecrim, perfumando o ar! Rapazes, raparigas dançam, cantam derredor dessas fogueiras, e os pares mais afoitos saltam — rindo — por cima das labaredas. Há mangericos em vasinhos de barro — cada qual com seu cravo de papel em cujo pá está presa uma quadra de amor. Não há namorado que não queira escolher um mangerico — uma quadra bonita —; comprá-lo e oferecê-lo à sua namorada. Mal soa a meia-noite, queimam-se, com jeitinho, na fogueira, as alcachofras. Daí espetam-lhes os pés na terra fresca do quintal — e lá ficam ao relento da noite. Manhãzinha, cedo, cada rapariga, cada rapaz vai ver se floriu sua alcachofra. Floriu? — é que o conversado — ou a conversada — lhe quer bem. Mas que pena quando a alcachofra negra ficou e sem graça! «Ai! o meu amor não me quer!» O que vale é não morrer a esperança, e «quem espera sempre alcança»: aí vem já a noite de São João; não tardará depois a de São Pedro. Volta a repetir-se a queima das alcachofras, entre risos, ditos alegres, as cachopas de faces afoqueadas, os rapazes galhofando: Uma alegria!

Além dessas, há mais tradições ligadas aos festejos que se efectua por Santo António, São João e São Pedro. Organizam-se arraiais, e cada terra faz brio em apresentar mais luzido o seu e mais vistoso. Foguetes, fogo de vista, e nas noites de véspera e na do Santo:

## JUNHO e as suas tradições

— bailarico. Vestem as raparigas seus melhores trajos; no vestuário se esmeram os mocetões, e ála: «Vamos ao balho!» exclamam todos contentes. Há música, danças cantadas, cantigas ao desafio.

Em suas casas, na véspera do dia, as cachopas casadoiras, desejosas de saberem de que ofício é o homem com quem virão a casar, derretem ao lume estanho ou chumbo, deixam-o esfriar, e observam depois que feito tomou a massa do metal derretido. Se os contornos lembram um navio, casar-se-á a rapariga com homem do mar; se dão ideia de uma árvore, casará com lavrador; se der ares de alguma ferramenta, o futuro marido terá o ofício a que pertence tal utensílio. Mas outras raparigas preferem derreter uma vela de sebo, deixando-a pingar em copo cheio de água. Pousam em seguida o copo numa varanda e ali o deixam toda a noite. No dia seguinte, pela manhã, veio espereitar que figura tomou o sebo derretido.

E as rifas? Donzela curiosa de saber com quem há-de casar inscreve os nomes de três rapazes que pretendem namorá-la; cada nome em seu quadrado de papel. Enrola um por um estes papelinhos, como se faz às rifas; de modo a ficarem exteriormente iguais os três. Mistura-os bem e, fechando os olhos, tira uma rifa ao acaso. Vai então colocá-la debaixo do travesseiro. Tornando a cerrar os olhos, toma outra, a qual atira para detrás da porta. A terceira lança-a pela janela. Deita-se e adormece. Pela manhã, mal acorda, saca debaixo do travesseiro a rifa que lá pôs, e, ansiosa, lê o nome: — É o rapaz a quem tal nome pertence que há-de ser o seu namorado.

Outras, à meia-noite da véspera do dia, assomam à janela, tendo na boca farto bochecho de água. Ali ficam à escuta. O primeiro nome de homem que ouvirem é o do futuro noivo. Lançam então fora a água da boca.

E as favas? Cachopa que ainda não tenha seu conversado, mas queira saber se há-de casar rica, remediada ou pobre, faz a adivinhação das três favas secas. A uma deixa-lhe a casca toda; a outra descasca-a apenas até meio; a terceira tira-lhe a casca por completo. Deita-as num açafatezinho, ou numa caixa, ou na çopa deum chapéu, e, fechando os olhos, sacode o recipiente para misturar as favas. Então, sempre de olhos cerrados, dira uma — que põe debaixo do travesseiro. Lança a outra detrás da porta, e aremessa a terceira janela fora. Só de manhã, ao acordar, deve ver qual das favas calhou ficar sob o travesseiro: Se é a «fava nua» — isto é: aquela que ficou toda descascada — a rapariga há-de casar pobre. Se é a meia descascada, casa remediada. E se for a que tem a casca toda — então o esposo será homem abastado. Mas que precisão há da fava por detrás da porta? É porque — diz o povo — se por um motivo de força maior não casar nas condições indicadas pela fava

do travesseiro, casará conforme diz a que está detrás da porta.

Velhos usos cuja tradição vai passando de mães para filhas. Mas, ainda que se não acredite nelas, têm sua graça: dão pitoresco e poesia à Vida.

Aqui vão algumas quadras cantadas ao redor das fogueiras. Enquanto uma moça suplica:

«Ó meu rico S. João,  
Olhai p'lo meu namorado!  
Guardai-me o seu coração  
lá na vida de soldado!»

Cantando, um moço pergunta:

«Quem te deu lindo rosto,  
ó minha flor, minha amada?»

Responde ela:

«Foi S. João quem mo deu,  
nesta noite abençoada...»

Outro moço entoa:

«Fogueira de S. João  
vamos saltar bem juntinhos:  
Que o teu e o meu coração  
ficam p'ra sempre unidinhos!»

Em ar de mofa uma rapariga, ironicamente:

«Que fizeste, *mê* S. Pedro?  
Pedi-vos um noivo engraçado;  
e agora nesta função,  
surge-me um burro chapado!»

Lamenta-se um rapaz, acolá:

«Santo António de Lisboa:  
Tem dó do meu coração!  
que escolheu coisa tão boa,  
e *Ela* a dizer-lhe «que não!»...

Aí vêm as festas dos três santos mais populares de Portugal: Santo António, S. João e S. Pedro. Não tardam os arraiais com seus bailes e fogos de vista; as fogueiras e os mangericos; a queima das alcachofras e dos molhos de alecrim... Enfim toda a poesia e folclore próprios do povo português.



## QUE SABE SOBRE A VIDA DE LUÍS DE CAMÕES?

Dez de Junho! Dia de Camões. Aqui vai um teste ao leitor para avaliar o que sabe sobre este grande português.

- 1 — Em que século viveu o grande épico: XIV; XV; XVI?
- 2 — Onde fez os seus primeiros estudos: Lisboa; Évora; Coimbra?
- 3 — Que nome tinha a dama do paço que o poeta imortalizou sob o anagrama de Natércia: Infanta D. Maria; D. Catarina de Ataíde; Paula Vivente?
- 4 — Onde perdeu o poeta uma das vistas: Índia; Ceuta; Safim?
- 5 — Segundo Teófilo Braga, em que cidade nasceu Luís de Camões: Lisboa; Coimbra; Santarém?
- 9 — A que facto se atribui o seu afastamento da Corte: Por ter escrito o «Auto de El-Rei Seleuco»; por amo-

res com damas do Paço; por ser desordeiro?

- 7 — Em que ano embarcou o poeta para a Índia: 1553; 1520; 1500?
- 8 — Que governador da Índia o protegeu: D. Afonso de Noronha; D. Afonso de Albuquerque; D. Constantino de Bragança?
- 9 — Aonde exerceu Camões o cargo de Provedor-mor de defuntos e ausentes, e onde compôs grande parte do seu grande poema: Macau; Índia; Moçambique?
- 10 — Quantos anos esteve ausente da Pátria: 4 anos; 16 anos; 10 anos?
- 11 — Aonde faleceu o nosso poeta: Coimbra; Índia; Lisboa?
- 12 — Quantos cantos tem o poema épico «Os Lusíadas»: 5; 10; 20?
- 13 — A quem foi dedicado este poema: D. Sebastião; D. João III; Cardeal D. Henrique?

Respostas: 1 — XVI; 2 — Coimbra; 3 — D. Catarina de Ataíde; 4 — Ceuta; 5 — Lisboa; 6 — Por ter escrito o «Auto de El-Rei Seleuco»; 7 — 1553; 8 — D. Constantino de Bragança; 9 — Macau; 10 — 16; 11 — Lisboa; 12 — 10; 13 — D. Sebastião.

## SABER NÃO OCUPA LUGAR...

A antiguidade atribuiu a invenção da charrua a Triptolemo, rei da Eleusis, e ajudada pela fértil imaginação dos gregos pretendeu que a própria Ceres revelara ao filho de Meganiro o segredo da agricultura e do cultivo dos campos. Estamos certos, para glória da humanidade, que a invenção da charrua é anterior ao reinado de Triptolemo. Os faraós, três séculos antes, levavam todos os anos, às portas de Menfis uma charrua por sobre as terras donde se retirara o Nilo, e revolviam com as suas reais mãos a leiva de que deviam sair as primeiras espigas.

— A expressão «alimentar o fogo sagrado» quer dizer manter a atenção ou entusiasmo de alguém ou do público. Numa Pompílio, rei de Roma, instituiu práticas religiosas regulares. Determinou ele que no templo de Vesta, deusa que se dizia haver ensinado aos homens o uso do fogo, constantemente ardesse o «fogo sagrado».

Disso incumbiu seis formosas raparigas, a quem chamou vestais. Elas tinham de fazer voto de castidade e quando alguma o quebrava sofria o suplício da lapidação ou era enterrada viva.

Se alguma deixava apagar o fogo sagrado, a que os romanos consideravam ligada a sorte da cidade, era severamente castigada.

Egipto eram usadas pedras chatas, aquecidas ao rubro, para o levar a cozer. O pão tinha o feitiço de bolos folheados. Só mais tarde foi inventado o forno de tijolos em Niniva e Babilónia. Os padeiros públicos só se estabeleceram no tempo do imperador Trajano. Em Roma, o pão era cozido sobre grelhas poisadas em carvão, e também metido em vasos de barro.

Calcula-se entre treze e catorze mil as variedades de rosas. Quanto ao número das espécies botânicas propriamente ditas, conhecem-se umas 15 na América, 40 na Ásia, 10 na Inglaterra, 20 na França e 8 no norte da Europa.

Na Ásia existe também enorme quantidade de rosas.

## O JORNAL MAIS ANTIGO DO MUNDO

É na China que se encontra o mais antigo jornal do mundo. Esse jornal, o «Tsen-Tze-Kwan-Pao», tem 1044 anos de existência.

政府公報

Quando, em 1912, foi proclamada a República na China, o milenário periódico teve de mudar de nome, passando a chamar-se «Tsen-Foo-Koon-Pai», que quer dizer: «Periódico Oficial do Governo».

O decano dos periódicos foi fundado para registar os decretos imperiais. Foi, assim, o primeiro «Diário Oficial».

O seu corpo de redacção era formado pelos mais famosos literatos do Império, que gozavam de grandes prerrogativas e mereciam honroso tratamento.

Mas eram responsáveis por tudo que se imprimia no jornal. Um deles foi decapitado por ter omitido em determinado artigo um dos milhares de títulos que então ostentava o «Filho, do Céu». Outros redactores foram estrangulados, cortados em pedacinhos, empalados, simplesmente por haverem escrito no jornal notícias não confirmadas.

Uma colecção completa deste antigo jornal figura nos arquivos de Pequim, sendo ali conservada cuidadosamente, sem que lhe falte qualquer número.

## Em Junho assim fala o povo...

- Ande onde andar o Verão há-de vir no S. João.
- Chuva em Junho, peçonha do mundo.
- Chuva de S. João bebe o vinho e come o pão.
- Em dia de S. Pedro vé o teu olivedo, e se vires um grão, espera por um cento.
- Galinhas de S. João pelo Natal poedeiras são.
- Junho calmoso, ano formoso.
- Junho chuvoso, ano perigoso.
- Para o S. João guarda a velha o melhor tição.
- Sardinha de S. João já pinga no pão.
- Lavra por S. João se queres ter pão.

No começo do aparecimento do pão, no

**SE QUER SABER  
O QUE SE PASSA LONGE,  
ESCREVA-NOS DIZENDO  
O QUE SE PASSA  
JUNTO DE SI!**



LOGO À PARTIDA A TAP RECEBE-O COMO NA SUA TERRA!  
DE ONDE QUER QUE ESTEJA NÓS TRAZEMO-LO PARA:

**PORTUGAL CONTINENTAL**

**AÇORES**

**E MADEIRA**

**TAP**  
TRANSPORTES  
AÉREOS PORTUGUESES